

Missão da Tulane oferece cooperação

Maior cooperação técnico-científica às nossas Universidades, principalmente à UFPE, foi o objetivo da viagem ao Brasil de uma Missão da Universidade de Tulane, Estados Unidos, este mês. No aeroporto de Brasília, os integrantes da Missão foram recebidos pelos professores Edson Machado de Souza, diretor do Depatº de Assuntos Universitários MEC, Newton Sucupira, presidente do Birô Internacional para Assuntos de Educação da Unesco, e Marcionilo de Barros Lins, como convidado especial do MEC.

A Missão manteve contatos junto ao MEC e Ministério das Minas e Energia, além de outros órgãos federais. Ficou acertado que a cooperação será estabelecida sempre em acordo como o II Plano Nacional de Desenvolvimento, a nível de pós-graduação, devendo

do merecer atenção especial o setor energético do Nordeste.

A vinda da Missão ao Brasil foi solicitada pelo Reitor Marcionilo Lins, quando esteve nos Estados Unidos, ano passado, fazendo conferências e contatos em várias instituições de ensino superior daquele País. A convite do MEC, o Prof. Marcionilo foi o coordenador do programa cumprido pela Missão no Nordeste.

Os representantes da Universidade de Tulane vieram sob a chefia do Prof. David Deener e militam nas áreas de saúde, tecnologia, educação e serviço social. Visitaram as Unidades da UFPE, dialogaram com professores de cada área e participaram de reunião na Sudene. A Missão vai remeter relatório ao Reitor da UFPE, que o encaminhará à apreciação do MEC.

Aos novos, palavras de incentivo e boas vindas



O Reitor Marcionilo de Barros Lins formulou votos de boas vindas aos novos alunos da Universidade Federal de Pernambuco, após o resultado do vestibular unificado-75, parabenizando-os pela vitória e ao mesmo tempo informando-lhes acerca das mudanças mais recentes introduzidas nas diversas áreas do ensino, a começar pelo Ciclo Geral.

Salienta o Professor Marcionilo Lins que, a esta altura, não há mais motivos para apreensão quanto ao Ciclo Geral, pois, este, em decorrência das mudanças efetuadas, oferece condições de estabilidade aos alunos recém-chegados. (Mat. 3.ª pag.)

Prof. da UFPE aplica no Brasil Teoria das Placas

Para o professor Alcides Nóbrega Sial, a separação do Brasil da África ocorreu, possivelmente, entre 140 e 80 milhões de anos atrás, durante o período Mesozóico, formando o Oceano Atlântico Sul. Ele integra a equipe do Instituto de Geociências da UFPE e é o primeiro brasileiro a aplicar a Teoria das Placas, lançada por Parker e Mackenzie, em 1967, nos Estados Unidos. (2.ª página)

JORNAL UNIVERSITARIO circula com 16 páginas

A partir desta edição, o "Jornal Universitário" passa a circular com 16 páginas ao invés de 12, em decorrência das mudanças editoriais e gráficas que lhe estão sendo introduzidas, de acordo com as perspectivas da moderna comunicação social. Tais alterações vêm merecendo apoio efetivo da atual direção do Departamento de Extensão Cultural da Universidade, órgão integrante da Pró-Reitoria para Assuntos Comunitários e responsável pela editoração deste órgão de comunicação.



Os integrantes da Missão juntamente com o Reitor da UFPE

Arcaísmos na Linguagem do Povo

O Prof. José Lourenço de Lima, titular de Filologia Românica, do Instituto de Letras, abordou, documentadamente, em conferência, um aspecto singular na linguagem do povo: a sobrevivência de arcaísmos que se vêm mantendo desde o século XVI. É um autêntico "substratum" que se transmite de geração a geração, o qual a escola, com a "moralização", irá proscrever. São arcaísmos pertinentes à Fonética, à Morfologia e à Sintaxe.

Em muitos casos, o homem simples e analfabeto não fala errado, fala antigo. A fonte principal de que se valeu o mestre do Instituto de Letras foi Gil Vicente, cujos Autos fixam, melhor que outros documentos, a linguagem do povo, que os colonizadores aqui implantaram e aqui se fixou.

Também Camões foi consultado, bem como os Textos Arcáicos, de Leite de Vasconcelos, e a Crestomatia Arcáica, de José Joaquim Nunes. O auditório, composto de professores e universitários, foi informado de que Anrique, dixer, frol, Olália, contia, saluco, baxa e tantos e tantos outros exemplos citados pelo Prof. José Lourenço não são outra coisa senão arcaísmos subjacentes no português das classes incultas do Nordeste.

Camocim de São Félix, terra natal do Prof. Lourenço, com o linguajar dos feireiros, foi um campo de pesquisas farto, ao lado das informações preciosas de Mário Marroquin em "A Língua do Nordeste".

Esse mesmo assunto foi objeto da Comunicação que o Prof. José Lourenço apresentou no XIV Congresso Internacional de Linguística e Filologia Românica, realizado em Nápoles, em 1974, do qual participou como representante da Universidade Federal de Pernambuco.

A Comunicação despertou vivo interesse entre romanistas de vários países do mundo, presentes ao conclave.

Os participantes do XVI Seminário de Verão, da nossa Universidade, foram motivados a desenvolver a pesquisa sobre arcaísmos na linguagem oral do homem inculto das zonas interiores.

Na 2ª quinzena de dezembro de 74, estiveram reunidos no Instituto de Letras da UFPE, os especialistas que desenvolvem no Brasil a pesquisa do Projeto de Norma Urbana Culta. O encontro — 8º — teve caráter nacional e decisões importantes foram fixadas. (Matérias nas pags. 6 e 7)



JORNAL UNIVERSITÁRIO

ÓRGÃO OFICIAL DA U.F.P.E.

N.º 5

RECIFE — JANEIRO — 1975

ANO VII

Universidade implanta seu Plano de Reestruturação

O Plano de Reestruturação da UFPE começou a ser implantado com a expedição das Portarias n.ºs 41,42 e 43 de dezembro de 1974, pelo Reitor.

O Plano foi aprovado pelo Decreto n.º 73.081, de 05/11/73, que estabelece a criação gradativa de Centros constituídos através da assimilação ou fusão das atuais Unidades e órgãos, nas respectivas áreas de conhecimento.

Já estão em fase de instalação o Centro de Ciências Biológicas, cons-

tituído pela fusão dos Institutos de Micologia e de Biociências, tendo como sede a do Instituto de Micologia; o Centro de Ciências Exatas e da Natureza, constituído pela fusão dos Institutos de Física e de Matemática e pelo Departamento de Química; e o Centro de Filosofia e Ciências Humanas, resultante da fusão do IFCH e do Departamento de Ciências Geográficas do Instituto de Geociências. Têm como diretores os professores Ernani Silva, José Medeiros Machado e Geraldo Lafayette, respectivamente. (pag. 14)

Fulni-ô, filho do Sol e Lua, único remanescente



Filhos do Sol e da Lua, os índios Fulni-ô vivem em Águas Belas, interior do Estado de Pernambuco, explorando a agricultura e conservando os seus costumes. Apesar dos estudos sistemáticos que se tem feito dessa tribo, ninguém conhece, até hoje, os mistérios de sua religião. Falam também Português e suas mulheres já começam a usar baton e roupas exóticas (8.ª página)

Mestrado em Planejamento Urbano na UFPE

A Pró-Reitoria de Pesquisa da UFPE abriu inscrição para o 1.º Curso de Mestrado em Planejamento Urbano, a realizar-se este ano. O programa do Curso foi elaborado à luz dos resultados obtidos com a realização do 1.º e do 2.º Curso de Especialização, promovidos em convênio com vários órgãos federais, na Faculdade de Arquitetura.

O orador da turma que participou do 2.º Curso, Adilson R. Ferreira de Lima, sublinhou, entre outros pontos: "Tivemos no 2.º semestre deste ano (1974), como participantes do sistema desta Universidade, a oportunidade de penetrar cientificamente no mais complexo mecanismo criado pelo homem — o mecanismo urbano — e, analisando sua dinâmica estrutural, sua ação além de suas fronteiras físicas, e as quantidades externas que influenciam sua estabilidade, nos habilitamos a receber nesta manhã de dezembro o grau de especialistas em desenvolvimento urbano".

A cerimônia contou com a participação de destacadas autoridades universitárias e governamentais, realizada no auditório do Instituto de Matemática, quando foi anunciada a Implantação do Curso de Mestrado em Planejamento Urbano.

CINEMA

Ingmar Bergman

"Se a nossa existência não tem por fim imediato a dor, pode dizer-se que não tem razão alguma de ser no mundo. Porque é absurdo admitir que a dor sem fim, que nasce da miséria inerente à vida e enche o mundo, seja apenas um puro acidente, e não o próprio fim. Cada desgraça particular parece, é certo, uma exceção, mas a desgraça geral é a regra".

As palavras do alemão Schopenhauer podem perfeitamente servir de indicação para a obra do sueco Ingmar Bergman: o cinema transformado num poderoso e angustiante ato de reflexão sobre a vida, o ser humano e as soluções encontradas pela vida do ser humano. Tais soluções são, quase sempre, catastróficas (desespero, solidão e morte), embora a obra cinematográfica do sueco floresça, aqui e ali, em meio a uma densa atmosfera de lirismo e — como não? — humor.

Ingmar Bergman, 33 filmes, 57 anos incompletos (Uppsala, Suécia, 14/7/1918), atualmente vivendo isolado na ilha de Faro, ao sul da Suécia, produz uma obra cujo desenvolvimento proporciona um raro sentido de ampliação e aprofundamento da meditação resultante do binômio arte-vida.

A criação artística sempre se manifestou para mim como uma vontade de comer. Constatel essa necessidade com um certo prazer, mas, ao longo de minha vida consciente, jamais me indaguei por que essa fome tinha surgido e exigido satisfação. Agora, desde que nestes últimos anos ela tende a se apagar e a se transformar em outra coisa diversa, experimento a necessidade imperiosa de procurar a causa de minha "atividade artística".

Para Penelope Houston, porém, ele possui a vantagem incomensurável de verificar que atrás de si floresce toda uma firme tradição cinematográfica que liga a sua própria obra à de Victor Sjöström, considerado o maior realizador sueco do cinema mudo, e à de Alf Sjöberg, autor de *Senhorita Júlia*, cujas experiências foram suplantadas pela ousadia formal de Bergman em *Morangos Silvestres* (1957). Ambos foram, em duas ocasiões, íntimos colaboradores: Bergman colaborando com o argumento de Frenesi (1944), de Sjöberg, e este desempenhando o papel principal de *Morangos Silvestres* (o velho professor cuja vida é um vazio compensado pelos símbolos de sua consagração acadêmica).

Há dois tipos de artista: os que saem com a sua câmara para nos informar sobre a realidade — injustiças, opressões, fracassos sociais — e os que se deixam fascinar pelo interior das pessoas. Ambos são necessários, mas eu pertencio ao segundo grupo.

Indiferente à opinião de uma boa parte dos seus críticos — que não conseguem perdô-lo por pertencer ao "segundo grupo" — Bergman vem mergulhando, filme a filme, nos instigantes problemas existenciais pertinentes ao indivíduo humano.

A vida é um inferno que se movimenta num círculo voluptuoso e cruel, do nascimento à morte.

Isto, assimilado em sua aceção mais profunda, corresponde basicamente às dolorosas impressões legadas por um Kleist, um Kafka ou um Graciliano Ramos. Mas Bergman é Bergman: um homem inteiramente voltado para o cinema, o mais renomado e competente cineasta sueco dos últimos 30 anos, um mestre, e um mestre tão significativo para o cinema escandinavo quanto o dinamarquês Carl Dreyer. Isto vale alguma coisa?

Para ser franco, tenho de reconhecer que a arte é insignificante em nosso tempo. Ela não tem mais o poder de influenciar o desenvolvimento de nossa vida.

"Ilusionista, confessor, boêmio, existencialista, metafísico", conforme o definiu a revista TIME, em reportagem de capa, em 1960, o sueco demonstra a mesma inesgotabilidade acionel e mental comum a realizadores da estirpe de Kurosawa, Ford, Fellini e Buñuel.

Ele escreveu grande parte dos seus argumentos e, paralelamente, sempre trabalhou ao lado de uma maravilhosa companhia de atores: Max von Sydow, Gunnar Björnstrand, Eva Dahlbeck, Harriet Andersson, Ingrid Thulin e Liv Ullmann. Por que tantas mulheres?

O meu universo é o mundo das mulheres.

Na realidade, Bergman é o eterno psicólogo da alma feminina. Mais que Antonioni, talvez mais que Dreyer (cujo *Martírio de Joana d'Arc* resulta numa sugestiva e impressionante absorção do sofrimento e êxtase da admirável heroína francesa). A mulher bergmaniana vive condicionada pela fragilidade dos sentimentos humanos, encurralada pela fugacidade da vida e, apesar do aparente vazio à sua volta, ansiando pela plenitude do amor. Contudo, ao fim e ao cabo, resta somente o conhecido horror da ausência, da mortal solidão. Todo um universo captado por uma câmara irrequieta, minuciosa e implacável no esquadramento de bocas silenciosas, olhos imóveis e mãos vazias.

Os ensaios sobre Bergman são mais violentos e mais radicais do que sobre qualquer outro realizador ocidental do pós-guerra. Não raro, os críticos costumam chamá-lo de masoquista, de misógino, de puritano e, talvez como alusão ao fato de Bergman trabalhar sob influência do expressionismo alemão, de "o melhor realizador alemão do cinema do pós-guerra"; sua obra tem sido examinada sob o influxo do famoso "complexo da neutralidade" sueco; o seu simbolismo, embora esteja longe de ser impenetrável, tem suscitado as mais variadas e desencontradas polémicas. "Bergman é um ilusionista, metade feiteceiro metade apaziguador, nele me agrada até o embuste, o espetáculo feito com nada" (Federico Fellini). Mas o amor deste "ilusionista" pelo cinema é muito maior do que o amor dos adolescentes Marie e Henrik (Juventude, 1950), que durou apenas um verão.

"Bergman fez malabarismos com sonhos e realidade, passado e presente, verdade e ilusão, a linha que separa o artista como executante do artista como homem; disse-nos que amar é ao mesmo tempo necessário e miserável; gulou-nos numa viagem através da alma sueca, de tal modo que nenhum artigo que tente atualmente explicar esse país enigmático ficará completo sem o período com referências a ele; Bergman aprofundou os temas do destino e do livre arbítrio" (Penelope Houston).

Separação Brasil - África Formou o Oceano Atlântico

A separação do Brasil da África — que anteriormente formavam o continente Gondwana — teria ocorrido, possivelmente, entre 140 e 80 milhões de anos atrás, durante o período Mesozóico, formando então o oceano Atlântico Sul. Essa é a conclusão a que chegou o professor Alcides Nóbrega Sial, nos estudos que realizou para defesa de tese na Universidade da Califórnia, Estados Unidos, onde alcançou o grau de Ph.D. em Geologia.

Para chegar a esta conclusão aplicou os modernos conceitos da formação das cadeias meso-oceânicas e expansão do fundo do oceano, como parte integrante da Teoria das Placas ou Nova Tectônica Global, que explica a formação da cadeia de montanhas como consequência do movimento horizontal de placas oceânicas e continentais.

A Teoria das Placas apareceu em 1967, nos Estados Unidos, lançada por Parker e Mackenzie e teve desde então especial destaque e liderança nos conceitos tectônicos utilizados na América do Norte e nos países de língua inglesa. Observa-se uma crescente aceitação desta teoria nos países europeus e sul-americanos. Grandes cientistas, entre os quais físicos, geólogos e matemáticos voltam suas atenções para ela, que cada vez mais firma seus conceitos e oferece respostas mais sólidas para problemas até então de caráter apenas especulativo.

Quem é

O professor Alcides Sial — primeiro brasileiro a utilizar a Teoria das Placas para estudar a separação do Brasil da África — graduou-se em Geologia pela Universidade Federal de Pernambuco em 1966. Durante 1967 e 1968 foi pesquisador do Instituto de Geologia. Entre 1969 e 1971 foi professor do curso de Engenharia de Minas e Geografia na Universidade Federal de Pernambuco. Em 1970 fez estágio de aperfeiçoamento em Lisboa-Portugal, pesquisando sobre oligo-elementos em rochas vulcânicas do Nordeste do Brasil, no Laboratório de Técnicas Físico-Químicas Aplicadas à Mineralogia e Petrologia.

Durante três anos estudou na Universidade da Califórnia, Estados Unidos, onde alcançou o grau de Ph.D. em Geologia. Ali defendeu tese sobre Petrologia de rochas basálticas do Nordeste Brasileiro e suas relações com o problema da deriva continental — separação do Brasil da África.

Regressou ao Brasil há três meses atrás,

Pesquisador estuda importância da cromita como matéria-prima

"Mineralizações Cromitíferas do Ribeiro Pessoa está desenvolvendo, atualmente, para o seu doutoramento pelo Instituto de Geociências da



reassumindo suas funções no Instituto de Geociências da Universidade Federal de Pernambuco, sendo, atualmente, professor-adjunto. Possivelmente estará lecionando Geologia Estrutural, Tectônica e Petrologia durante 1975. Oferecerá, ainda, um curso de atualização, dentro de dois meses, sobre os Fundamentos da chamada nova Tectônica Global.

O professor Alcides Nóbrega Sial pretende, ainda, continuar o estudo que já iniciou em sua tese de doutoramento, sobre a formação do Atlântico Sul, separação do Brasil da África e a petrologia de rochas vulcânicas e sub-vulcânicas do Nordeste do Brasil. Deseja, também, tentar uma aplicação da nova Tectônica Global à evolução do Pré-cambriano brasileiro.

Universidade de São Paulo. Ele é especialista em Geologia Econômica e tem como orientador o professor Reinhold Ellert.

A cromita é o mineral do qual se extrai o metal cromo. É utilizada como matéria-prima nas indústrias metalúrgicas, químicas e de refratários. Constitui, atualmente, uma matéria-prima de grande importância industrial, sendo pois básica e estratégica para as nações industrializadas e em vias de desenvolvimento. Mineralogicamente, a cromita pertence ao grupo do Espinélios e basicamente sua composição é $FeO \cdot Cr_2O_3$. Entretanto, sua composição não é constante, formando soluções sólidas com teores variáveis de cromo, ferro, alumínio e magnésio.

Uso

O cromo é utilizado na indústria de aços e ligas especiais, aos quais confere resistência à corrosão, abrasão, oxidação, ataque químico, além de alta dureza e tenacidade. Os aços e ligas especiais encontram ampla aplicação na indústria aeronáutica, astronáutica, bélica, bem como no fabrico de motores, trilhos para ferrovias, etc. Os aços inoxidáveis são ligas de ferro-carbono com alto teor em cromo, sendo utilizados na fabricação de utensílios domésticos, entre os quais talheres, tesouras, tec. e de armamentos.

Na indústria de refratários, a cromita é utilizada em tijolos para revestimentos dos altos fornos siderúrgicos e também em formas para a indústria de cimento, vidros e metais e fornos não ferrosos, por apresentar uma ação quimicamente neutra.

Na indústria de tintas e

couros são utilizados os compostos à base de cromo (cromatos e dicromatos). A indústria metalúrgica consome cerca de 60% da produção mundial, a de refratários na ordem de 25% e os restantes 15% são consumidos pela indústria química.

Origem dos depósitos

Os depósitos de cromita se associam a complexos magmáticos de natureza básica e ultrabásica diferenciadas. A estes se associam também outros metais como a platina, o níquel e o cobre.

Os principais depósitos do mundo são: Bushveld, na África do Sul; Stillwater, em Montana, nos Estados Unidos; Great Dyke, na Rodésia do Sul; Ural Mountains, na Rússia e no Distrito de Moa, em Cuba.

No Brasil, os principais depósitos se localizam na Bahia, nos municípios de Campo Formoso, Uauá, Pedra do Dória, etc. Em Goiás se destacam os depósitos de São José do Tocantins, Cromínia, Mairipotaba, Interlândia e Morro Felo. Algumas ocorrências são conhecidas em Minas Gerais e Ceará.

Quem é

O professor Ricardo Ribeiro Pessoa graduou-se em Geologia pela Escola de Geologia da Universidade Federal de Pernambuco, em 1967. De 1968 a 1971 foi professor-assistente de Petrologia. Em 1972 assumiu a cadeira de Mineralogia do curso de Geologia, da UFPE. Em 1973 iniciou o curso de doutorado na Universidade de São Paulo, que espera concluir em 1976. Atualmente está realizando estudos para a complementação de sua tese.

Reitor	Professor Marcionilo de Barros Lins
Vice-Reitor	Professor Rômulo Maciel
Pró-Reitor Comunitário	Professor Armando Ribeiro Samico
Diretor do DEC	Professor Marcos Albuquerque
Redator-Chefe	Manoel Neto Teixeira
Repórteres	Raimundo Carrero
.....	Ângelo Monteiro
.....	José Carlos Targino
Repórter-Fotográfico	Maurício Coutinho
Diagramação	Josias Florencio da Silva

Editado mensalmente pelo Departamento de Extensão Cultural, Órgão da Pró-Reitoria Comunitária, como o veículo oficial da Universidade Federal de Pernambuco. Livros, cartas e colaboração em geral devem ser enviados para a redação do JU, Reitoria, 2.º andar, Cidade Universitária.

Frei Caneca e a Mística da Liberdade

ANGELO MONTEIRO

Na vida de um guerreiro como Alexandre Magno, de um poeta como William Blake, de um religioso como Inácio de Loyola ou de um revolucionário como Frei Caneca, há um sentido comum que deve ser preservado: o caráter oblatoivo, ainda que combativo, de suas vocações e, de modo específico, aquela marca de assinalados que iremos encontrar, às vezes de uma forma contraditória, em todos esses homens dificilmente compreendidos durante as suas vidas, ou compreendidos controversamente depois de suas mortes. Apesar de terem todos em seu destino uma determinação segura e clara de uma vontade que desdenha obstáculos, veêm-se enredados em contradições, às vezes só aparentes, que os tornam incompreensíveis a todos quantos não estejam atentos ao sentido oculto que comanda os atos de suas existências.

No Frei Caneca revolucionário coexistiam, além do político, o religioso, o sacerdote, o poeta, o orador, o historiador, o pensador e o polemista. Porém, para o objetivo que nos interessa agora, uma frase do Pe. Romeu Perea nos serve como definição do nosso místico da liberdade Fei Joaquim do Amor Divino Caneca. Numa coletânea reunindo diversos estudos sobre a Confederação do Equador, este infatigável coordenador que é o Pe. Romeu Perea, em sua análise sobre o aspecto religioso do grande carmelita, assim se expressou sobre ele: "Alma nobre e generosa que em benefício da Pátria sacrificou a liberdade interior pela desordem externa a que leva a atividade política em que se viu envolvido e que terminou levando-o à prisão, à morte, que ele aceitou com resignação edificante". Ao chamarmos Frei Caneca de místico da liberdade não estamos exorbitando do significado real da mística. Pois a mística reside, em primeiro lugar, sobre uma verdade que estabelece uma comunhão entre o homem e o absoluto. Em Frei Caneca essa verdade repousava toda numa palavra que, além de sua camada sonora, e além de sua semântica, representava a substância em que haveria de transmutar sua própria vida: a liberdade. O que para a maioria dos homens pode significar uma palavra sem maiores consequências, para um homem como Fei Caneca, que não sabia barganhar com as palavras, por levá-las a um grande grau de seriedade, a liberdade tornou-se em mais do que uma necessidade: em vida, morte e redenção.

De um grande senso de realidade, que não o fazia perder de vista as diversas ordens e hierarquias do real, era, ao mesmo tempo, um idealista no gesto poderoso e capaz de mover destinos. Não contente de ensinar, era ainda homem de morrer por aquilo que levava os outros a aprender. Ao falar, por exemplo, em geometria, essa ciência perde toda sua frieza racional e

passa a representar uma ordem que deve haver tanto no homem como no mundo: "Todas as coisas, em que não entram a régua e o compasso da geometria são desregradas e descompassadas, são monstruosas. Por falta de geometria é que o nosso governo não conhecendo a gravidade específica dos negócios clvis e políticos, nem a relação deles entre si, não sabe equilibrar as forças dos diversos agentes sociais, desencaixa de seus lugares as molas da sociedade, vai quebrá-las e reduzi-las todas a poeira". Como homem que não se negava em nenhum instante, e que não quebrava a unidade entre sua vida e sua pregação, Frei Caneca, como iremos ver, o que nos transmitiu como "lente de geometria", mais acima, nos transmitirá como sermonista, em seu sermão "Sobre a Oração", mais abaixo: "As nossas súplicas devem ser justas e condizentes com a glória de Deus e nada que contrarie sua altíssima vontade. Como pederemos alcançar da sua liberal misericórdia coisas afrontosas à sua lei, aos seus exemplos? Como alcançaremos dele a satisfação das nossas paixões desregradas e a ruína do nosso próximo?".

Quer ensinando geometria, quer pregando sobre a oração em tempo oportuno, e mostrando as exigências próprias de cada estado, para que os homens não cansem os ouvidos de Deus com petições estéreis, quer empunhando uma arma para defender a liberdade do povo ameaçada pelos caprichos neuróticos de um governante sem escrúpulos, Frei Caneca manteve-se uno consigo mesmo e como pregador e mártir da liberdade, não terminou sua carreira no patíbulo, se for verdade a sentença evangélica: "Em verdade, em verdade vos digo que, se o grão de trigo que cai na terra não morrer, fica infecundo; mas, se morrer, produz muito fruto". (São João, Cap. XII, Vers. 24 e 25)

Reitor congratula-se com os novos alunos da U.F. Pe.

Preenchendo as 3.095 vagas nos seus cursos de graduação, com os candidatos classificados no vestibular unificado-75, a Universidade Federal de Pernambuco renova o seu corpo discente, ao receber essa nova massa de jovens recém-saídos do 2º Ciclo, para o início de uma nova etapa — para a maioria, a mais cobiçada — que é o dia a dia na Universidade, preparando-se para o exercício de uma profissão de nível superior.

Durante a semana de realização dos testes do concurso — a 1a. deste mês — foi quebrada a monotonia da Cidade Universitária, com o vai e vem de milhares de jovens aspirantes à Universidade que fizeram concurso nos prédios do "campus". Com o recesso escolar, o "campus" não apresenta a mesma movimentação do período normal de aulas, embora os Institutos e Unidades continuem funcionando, quer promovendo cursos de extensão, quer no desenvolvimento das suas atividades de pesquisas.

PANORAMA

Os vestibulandos invadem a Cidade Universitária, todos os anos, neste período, na tradicional disputa pelas vagas nos cursos de graduação. As cabeças jovens, cheias de sonhos, depois de teste geralmente exaustivo, se espalham, ainda um pouco estonteados, pelos sagües dos prédios e pela reiva do Campus, numa movimentação espontânea e alegre. Familiares, namorados e amigos mais íntimos, que geralmente os acompanham até os locais de exames, ficam lá fora a espera dos mesmos, torcendo fervorosamente pelo sucesso da pessoa querida e a cada saída, misturam-se todos, entre abraços, euforia e palavras de incentivo.

Membros inferiores exigem estudos especializados

"Os linfedemas representam uma condição patológica de extrema importância. Pela frequência, localização preferencial sobretudo nos membros inferiores estão a exigir conhecimentos especializados, a fim de que um tratamento adequado seja instituído evitando as monstruosas deformações elefantíacas que chegam a constituir um problema sócio-econômico".

As palavras são do ensaio "Linfedema dos Membros", do professor Romero Marques, um dos maiores especialistas brasileiros no campo da medicina angiológica. O ensaio do professor Romero, fundador da primeira Escola Angiológica Brasileira, é um dos trabalhos do livro Manual de Angiologia para o Clínico, publicado sob a direção do professor carioca Lemos Cordeiro, reunindo ainda outras matérias de renomados especialistas nesta disciplina médica.

Honrarias

Romero Marques, professor aposentado pela Universidade Federal de Pernambuco, onde lecionava como titular de Cirurgia Vascular, é também o fundador o Instituto de Angiologia da UFPe. (1937), de onde saíram importantes trabalhos sobre a especialidade, notadamente no setor dos linfáticos. Na UFPe, o professor Romero fez, inicialmente, concurso para Clínica Propedêutica Cirúrgica.

A competência e a originalidade dos trabalhos do professor Romero Marques são reconhecidas internacionalmente. Recentemente, por exemplo, ele retornou da Europa com o título honroso de Doutor Honoris Causa pela Universidade de Estrasburgo (Luois-Pasteur), uma das maiores instituições de ensino superior da França. Em Estrasburgo ele fez uma série de conferências sobre assuntos de sua especialidade, frequentando com o máximo interesse o moderno centro de cirurgia cárdio-vascular do professor R. Kieny. Esteve também em Montpellier, visitando o centro de estudos e pesquisas do professor Thevenet — onde se pratica, segundo ele, a melhor cirurgia carótido-vertebral do país — e em Toulouse, onde manteve contacto com os eminentes professores Enjalbert e Gedeon. E chama a atenção ainda para um outro importante centro de medicina angiológica: o dos professores Bourde, Courbier e Bourdoncle.

Continuar pesquisas

Mesmo aposentado, o professor Romero Marques não pensa em parar. Numa casa situada à Rua Jacobina, onde mora há mais de trinta anos, entre os livros especializados de sua biblioteca e em meio a um silêncio que afirma já ter sido muito maior, ele não pára de trabalhar nas suas pesquisas sobre doenças vasculares periféricas.

A importância da Angiologia consiste, para Romero Marques, no fato desta disciplina abranger todas essas doenças pertinentes às veias, artérias e linfáticos, que pela sua frequência e complicações chegam a resultar num autêntico problema sócio-econômico. "Por exemplo: o indivíduo tem varizes que, não cuidadas devidamente ou cuidadas com disciplicência, pode resultar numa flebite ou numa úlcera de perna, ou ainda num flebedema, impedindo-o totalmente de continuar a prática comum dos seus afazeres".

Angiologia brasileira

No Brasil, país que conta com um grande número de especialistas na matéria, a Angiologia vem obtendo um vasto e alentador desenvolvimento. Para o professor Romero, isto se deve à ação da Sociedade Brasileira de Angiologia. "Graças aos cuidados da SBA, cujas linhas de trabalho incluem a realização de congressos, jornadas e mesmo outras maneiras de congregar os estudiosos do assunto para a devida atualização".

Ele acrescenta, mais uma vez, que o número de angilologistas brasileiros cresce bastante. Mas não de maneira desordenada, pois a SBA tem catalogado e arregimentado a maneira pela qual o indivíduo pode obter o título nesta especialidade". Para a qualificação de médicos neste campo não existe, a rigor, grandes dificuldades, desde que o candidato preencha os requisistos determinados pela SBA", afirma.

No Brasil, segundo o professor Romero Marques, os maiores especialistas em Angiologia são, entre outros, o paulista Mário Degni, os cariocas Mayall, Sidney Arruda e Lemos Cordeiro, além do gaúcho Milkberg. No prefácio do livro Manual de Angiologia para o Clínico, porém, o professor pernambucano recebe uma significativa homenagem do seu colega Lemos Cordeiro, que o chama de "Mestre de todos nós".

“Olho de Gato”

Deixa a Praça

Liedo Maranhão

José Zeferino dos Santos — "Olho de Gato" — como é conhecido por seus colegas de profissão, um dos maiores cantadores de folhetos populares do Nordeste, vai abandonar a praça, depois de viver oito anos ali, quase diariamente, fazendo roda de poesia, para "ganhar" a vida em São Paulo. Limpando mato, plantando roça desde menino no cabo da enxada, nunca pôde frequentar uma escola. Aos vinte anos, casou-se, comprou uma Cartilha de Ensino Rápido, pediu à mulher para lhe ensinar a ler, e daí por diante, com um mês de aula, encheu uma maleta de estórias de "valentes" e foi arrumar "o sustento da família, pelas feiras do Cavaleiro, Jaboatão, São Lourenço da Mata, Escada, Ribeirão e Palmares, no período de moagem das usinas".

Aos domingos, quando a praça está deserta, vai até o Cais do Porto ou o Pátio de São Pedro, para aumentar o ganho. No pátio de São Pedro, há meses que não canta mais, porque os fiscais que vivem por ali o proibiram de cantar estórias, alegando que "é um pátio turístico e não fica bem estas rodas de malandragem, para os visitantes". Homem sofrido, com mulher e filhos para criar, e a poesia sem estar dando para o pão, "Olho de Gato" nos contou que escreveu uma carta ao seu colega o poeta João de Barros, comunicando-lhe que ia para São Paulo, tentar a vida, com folhetos ou no pesado.

Com quatro mil covas de macaxeira plantada num sítio de sua mulher, está só esperando fevereiro chegar — época da colheita — para vender o produto na feira de Jaboatão, comprar as passagens, deixar um dinheirinho com a mulher, que seguirá depois, tal como fizeram seus colegas de profissão — os poetas José Luis, Amaro Quaresma, Severino Simeão, Zé Catraca, O Aleijadinho, João de Barros, Severino Carlos, Goriatã de Coqueiro e José Aguiar. Outros vão e voltam com saudades da terra, como fizeram Zé Grosso.

Para os que ficam, resta somente o bar de um espanhol no Braz, "Recanto da Poesia", para ouvir repentes de cantoria sob o braço de uma viola. Quase todos os poetas populares, além de fazerem da poesia o seu ganha pão, dedicam muito amor à arte e "só a deixam quando morrer". Vicente Vitorino, poeta de Caruaru, da "velha guarda", falando-nos do seu amor à arte disse que existem cinco coisas que se o indivíduo fizer somente uma vez, não deixa mais: é o camêlo deixar de vender remédios em feiras, o cachaceiro deixar de tomar cachaça, o cachorro deixar de correr atrás de cabra, o folheteiro deixar de vender folheto e a mulher ruim deixar de botar chifre no marido.

Farias: um exemplo de vocação para a pesquisa



Persistente, audaz e empreendedor, José Augusto de Farias é a imagem do patrono de sua oficina-laboratório: Delmiro Gouveia. Busca o avanço tecnológico, a melhoria dos níveis de alimentação, o aproveitamento de produtos básicos nacionais e a simplificação dos meios de sobrevivência. Pesquisador nato, autodidata, tem apresentado dezenas de invenções, todas voltadas para a economia e para a humanização.

Sua recente pesquisa sobre a merenda escolar, resultando da mistura da destriça da mandioca, banana, leite, açúcares e aromáticos está sendo alvo de interesse de diversos órgãos governamentais e particulares, como Sudene, Crutac-Pe, etc.

O sr. José Augusto de Farias — que recebeu o título de personalidade do Ano, outorgado pelo DIÁRIO DE PERNAMBUCO, e foi elogiado pelo vice-presidente dos Estados Unidos, Nelson Rockefeller — anunciou que o Centro Rural Universitário de Treinamento e Ação Comunitária (Crutac) da Universidade Federal de Pernambuco está interessado em utilizar a sua merenda nas comunidades que assiste no Interior do Estado.

Revelou que foi convidado a produzir a nova mistura proteica e energética, pelo coordenador nacional do Cincrutac, professor Onofre Lopes, quando este visitou o seu centro de estudos, em companhia do professor Guilherme Salazar de Alencastro, coordenador do Crutac-Pe.

Para a industrialização desse novo produto alimentício, a coordenação do Crutac da Universidade Federal de Pernambuco está mantendo contatos com indústrias locais e de outros Estados, conforme afirmou o sr. José Augusto de Farias.

Adolescente considera-se importante na sociedade

— Os adolescentes se consideram importantes dentro da sociedade. Mas essa importância tem um caráter muito individualista. Eles estão conscientes da sua importância, mas não estão da sua responsabilidade.

Esta é a conclusão a que chegou a doutoranda Maria Betânia de Melo Avila, na sua monografia de conclusão do Curso de Sociologia da Universidade Católica de Pernambuco, abordando o tema "O Adolescente de Classe Média — o estudo do papel do adolescente numa sociedade em urbanização".

ESTRUTURA

O Departamento de Sociologia da Universidade Católica de Pernambuco obriga o concluinte (do Curso de Bacharelado) a desenvolver uma monografia, nos dois

últimos semestres, em caráter curricular, sob a orientação de professores especialistas na área pesquisada. Trata-se de uma programação destinada a proporcionar aos futuros profissionais uma visão prática do exercício da Sociologia, ensinando-lhes também oportunidade de manifestar sua capacidade criativa.

Além da importância com relação à formação técnica dos formandos, as pesquisas desenvolvidas por eles oferecem ao Departamento de Sociologia daquela instituição elementos informativos e interpretativos dos diversos aspectos sociológicos da área Metropolitana do Recife.

Através de órgãos de jurisdição regional, há alunos que preferem estudar determinado aspecto em caráter mais amplo, reunindo informações que lhes proporcionam desenvolver monografias dentro de abordagem geograficamente mais ampla, cobrindo o Nordeste, com a utilização de dados secundários. É o caso de investigações realizadas por concluintes daquele Departamento da Unicap, abordando o processo de industrialização do Nordeste, a implantação e resultados da hidrelétrica de Boa Esperança, etc. São focalizados, geralmente, aspectos da cultura e dos problemas das comunidades.

COMPORTAMENTO

As conclusões da monografia de Maria Betânia de Melo Avila oferecem uma visão da participação do adolescente na sociedade em urbanização, como ele procede aceitando ou rejeitando valores tradicionais ou novos.

Saliente, por exemplo, que "a insegurança do adolescente urbano de classe média em relação aos seus valores e crenças, e, em consequência, a relativa instabilidade de atitudes do mesmo, é resultante da aceleração do ritmo da mudança nas sociedades urbano-industriais. Essa aceleração decorre da intensificação dos contatos transculturais possibilitados pelo desenvolvimento de todos os meios de comunicação".

— O jovem adolescente — sublinha — retrata a imagem viva da sua sociedade. É certo que essa imagem não apresenta contornos definidos, nem superfícies nítidas, mas nem por isso é menos verdadeira como esboço. A essência da imagem ainda está oculta pelas angústias da busca da identidade, pela permeabilidade às situações que ainda são vividas como novas, sendo, por tal razão, extremamente perturbadoras, aguardando impacientes o trabalho dos anos para complementar-se".



O uso do chapéu através do tempo

Enquanto os povos do Extremo Oriente conhecem e usam o chapéu desde tempos imemoriais, como é o caso da China, que tinha, durante o Império, um uso oficial obrigatório. — na Europa, o exemplar mais antigo de chapéu que se conhece é de origem grega, como o atestam os monumentos da Tessália e da Macedônia. Os latinos, posteriormente, batizaram de petasus, o chapéu dos gregos: tratava-se de um chapéu pequeno e leve que se sustentava por uma correia calada sobre as espáduas. Era usado no campo ou em viagem, pelos gregos, enquanto os romanos o utilizaram para fins teatrais. Fora desses casos, entretanto, tanto os gregos como os latinos andavam pela cidade com a cabeça descoberta.

Mas da alta Idade Média até o século XVIII o chapéu entrou em desuso, tal como ocorre em nossos dias. Já o gorro era de marcante preferência, tanto naquela época como hoje. Somente a clérisia durante a Idade Média, indo de encontro muitas vezes às ordens da Santa Sé — como ocorre com o desuso da batina em nosso tempo, por parte dos padres — continuou a usar seus chapéus verdes pomposos e floreados.

AFIRMAÇÃO

Uma análise mais rigorosa acerca do uso do chapéu, em nosso tempo, demonstra que ele não desapareceu de todo: pois, tal como na Idade Média, estamos vivendo o império do gorro e das suas variantes, como a boina e o boné, que não deixam de ser outras formas de afirmação do chapéu, que sob esta onda publicitária de nostalgia está voltando a ter prestígio ao lado, muitas vezes, da bengala. A moda, assim como a natureza feminina, é extremamente inquieta, e o tempo da moda é, também, medido pelos seus caprichos de ocasião. Por sinal só o chapéu feminino não caiu em declínio, porque a vaidade nas mulheres sempre foi mais forte do que o tempo, o que não deixa de ser extra-



ordinário para os varões que as contemplam em sua beleza soberanamente realçada através de seu uso. Se na Idade Média os chapéus eram normalmente pontiagudos, redondos e cilíndricos, em nossos tempos permanecem cilíndricos na copa.

FUNDAMENTOS DO USO DO CHAPÉU

Todo objeto, ao ser utilizado pelo homem, responde a duas ordens de fundamentos: um de ordem social (que engloba o cultural) e outro de ordem metafísica. Sob o primeiro aspecto, o uso de um objeto está ligado a diversas conotações ou sentidos, que vão do econômico ao religioso. Dessa forma o chapéu pode estar ligado, nas suas origens a uma defesa não somente dos raios solares ou da frialdade de clima, mas a uma espécie de dignidade, que nós vemos manifesta, por exemplo, nas coroas, nas mitras e nas tiaras, dos reis, dos bispos e dos papas, respectivamente. Por que se diferenciavam, por exemplo, o chapéu triangular do sacerdote católico do solidéu de um bispo, senão pelo sentido de dignidade que existe na diferença de seu uso? Por que, ainda, pode ser verificada a distinção entre o chapéu do vigário, hoje praticamente extinto, e o chapéu de um cônego ou monsenhor, pelo menos há duas décadas atrás? O povo nunca deixou de seguir os costumes dos seus chefes ou superiores e, dentro de tal razão, no uso do chapéu pode estar visível o sentido de dignidade que encontramos naqueles. Na China, por exemplo, durante o Império, havia dois tipos de chapéu: o de inverno e o de verão, e, "quando no início de qualquer dessas estações se anunciava oficialmente que o Vice-rei de uma província havia substituído um chapéu por outro, isto bastava para que os administradores substituíssem os seus", conforme anuncia sabiamente a Enciclopédia Universal Ilustrada Europeo Americana, Espasa-Calpe, S.A., Madrid. O povo, tal como os administradores chineses, nunca teve procedimento diferente em relação à sua capacidade imemorial de imitar os chefes e outros poderosos...

O segundo aspecto, que pode ser verificado no uso do chapéu pertence, a nosso ver, à ordem metafísica. O homem como que se protege e se vela diante do império da realidade perante o qual não quer se apresentar de cabeça descoberta. Se no plano mais imediatamente natural isso pode representar uma defesa contra os elementos — o excesso de frio ou de calor — num plano mais profundo e fundamental isso pode significar uma reverência à natureza, no sentido de que numa cabeça sempre coberta existe, ao mesmo tempo, uma defesa do órgão da razão, localizado no cérebro e um proteger-se ou um velar-se reverente diante de uma natureza ou de uma realidade que se desnuda diante do homem, sem jamais descobrir-se inteiramente... A maior prova do que afirmamos pode ser encontrada em outras usanças decorrentes do uso do chapéu.

Por que o homem se descobre ao entrar em sua própria morada? Não será porque só na intimidade ele deve estar de cabeça desnuda? Por que o homem tira o chapéu ao entrar em um templo? Não será porque exige dele uma reverência a intimidade com o sagrado? Existem, portanto, como vemos, dois tipos de reverência diante da realidade de uso do chapéu. A primeira reverência é a de quem se cobre diante de uma realidade descoberta: É o homem na rua, no campo em marcha ou em viagem. A segunda reverência é a de quem se descobre diante de uma intimidade que se guarda, como uma concha, para melhor dilatar-se na área protegida e defesa do seu próprio mistério: é o homem diante do templo e da morada.

Prof.^a Arlinda: com amor, tem preparado gerações de músicos



Os instrumentos doados pelo Consulado

Pró-Reitor: a música é um elo de aproximação

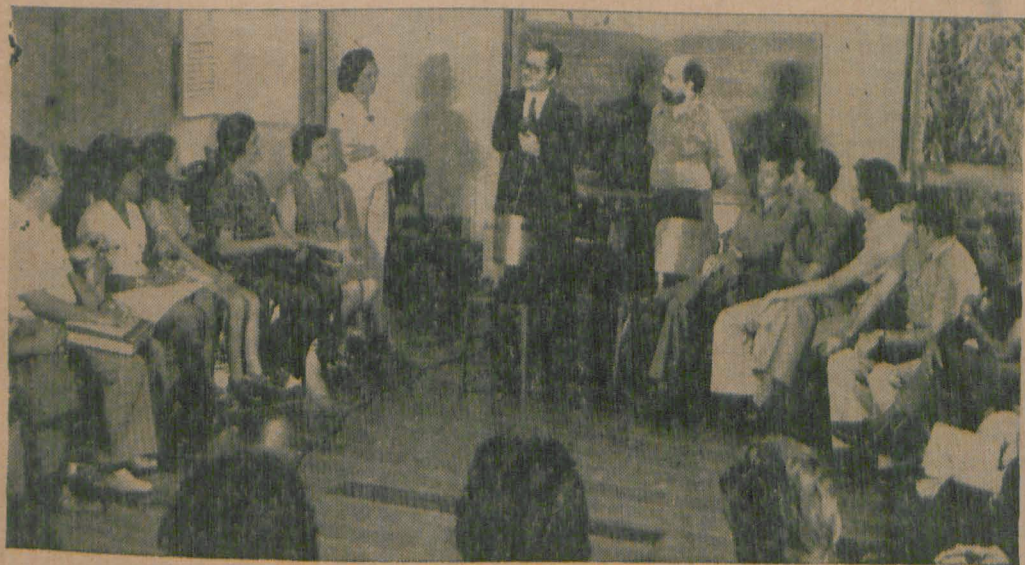
— A música é um dos sentimentos maiores da humanidade e vocês são os cultores dessa importante arte. As palavras são do Pró-Reitor para Assuntos Comunitários, Prof. Armando Ribeiro Samico, ao saudar o maestro Ermano Sá, do Rio de Janeiro, por ocasião da abertura do Curso de Extensão sobre Regência Coral, promovido pela Escola de Artes da Universidade Federal de Pernambuco.

O Prof. Armando Samico disse, entre outros pontos, que a música serve também como um forte elo para unir os homens, melhorar o relacionamento entre eles. "Em todas as partes do mundo, e em ambientes os mais diversos, profanos ou religiosos, a música está sempre presente, dando um toque de leveza e renovando o estado de espírito, proporcionando alegria e tranquilidade a todos — sublinhou.

CURSO

O Curso de Regência Coral, realizado na segunda quinzena deste mês, é o primeiro de uma série a ser levada a efeito durante este ano, de acordo com as diretrizes do programa de extensão da Universidade. Para ministrá-lo, veio do Rio de Janeiro o maestro Ermano Sá, conhecido em todo o País como uma das maiores autoridades em matéria de música, notadamente relacionada com regência de coral.

Em declarações à imprensa, o prof. Ermano salientou que, no aspecto profissional, o setor da música no Brasil merece mais apoio das autoridades, para que haja incrementação das pesquisas, culminando com a qualificação de novos músicos.



Prof. Armando Samico abrindo o Curso de Regência de Coral



Prof.^a Arlinda dá as primeiras noções sobre canto a uma aluna, ao som do piano.

Os anos que passou preparando gerações de músicos, muitos atingindo o estrelato, quer nas orquestras de câmara, quer nos concertos, óperas e corais, não tiraram da professora Arlinda Rocha o entusiasmo, a mocidade de espírito e o interesse com que se dedica à coordenação do Curso de Música da Escola de Artes da Universidade Federal de Pernambuco.

Dinâmica, bem humorada, ela conserva nos lábios um sorriso espontâneo, irradiando simpatia e confiança no seu trabalho, esboçando sempre gestos e palavras de incentivo aos jovens que se iniciam no aprendizado musical. Para a professora Arlinda Rocha, que acompanhou com participação efetiva os primeiros passos da Escola de Arte da UFPE, dedilhar o piano e ouvir as expressões vocais dos seus pupilos é motivo de orgulho e uma satisfação que se renova, consciente de que está dando um pouco de si na formação dos futuros músicos do Brasil.

DOAÇÃO

Quando o Pró-Reitor para Assuntos Comunitários da UFPE professor

Armando Ribeiro Samico, deu a notícia de que o Consulado Geral da Alemanha, no Recife, doara vários instrumentos musicais à Escola de Artes, destinados ao Curso de Música, a professora Arlinda ficou eufórica e movida por uma alegria própria aos espíritos jovens.

A entrega dos instrumentos — uma flauta transversa, uma clarineta e um quarteto de flautas Bloch — foi feita pelo Vice-cônsul Richard Serra, chefe do Departamento Cultural e de Imprensa do Consulado Geral da Alemanha no Recife, em ato simples, com a presença do Pró-Reitor Armando Samico, do diretor da Escola de Artes, prof. Marcelo Santos, além de professores e alunos daquela Unidade. Os representantes da UFPE, agradeceram a atenção do Consulado e enfatizaram a importância da doação, principalmente no que tange ao enriquecimento do acervo da Escola de Artes. Os instrumentos são indispensáveis à melhoria dos programas de ensino e pesquisa ali desenvolvidos.

Música e Evolução

Supõe-se que as primeiras manifestações musicais da humanidade foram puramente vocais, pela razão muito simples de que o homem, possuindo em si mesmo um instrumento tão perfeito como o aparelho vocal, o empregasse cada vez que um estímulo psíquico o movesse a exteriorizar com sons, aspectos das suas emoções.

Pouco a pouco, porém, os primitivos foram inventando outros veículos para manifestarem os seus impulsos artísticos, usando troncos ocos para execução dos ritmos adequados às funções da sua vida, assim como fazendo vibrar tendões secos de animais mortos e ossos onde sopravam, conseguindo sons de alturas e timbres variados.

O desenvolvimento destes rústicos instrumentos foi acontecendo no correr dos tempos, e hoje ainda são introduzidas muitas inovações na ânsia de efeitos sonoros que vão do esquisito ao belo, numa tentativa constante de preservar e recriar as emoções humanas.

A combinação das melodias com a percussão foram também se efetuando, chegando à perfeição, que se aprecia através das Orquestras de Câmara, Sinfônicas e Bandas.

O Curso de Música da Escola de Artes da UFPE, consciente das suas responsabilidades pedagógicas, deu início em 1974 a um movimento importante para a nossa Região, visando a incentivar a formação de instrumentistas de sopro, a fim de suprir as nossas orquestras e bandas.

Os primeiros frutos desta campanha já estão sendo apreciados, desde que começou a receber o apoio do Consulado Geral da Alemanha que, atendendo a uma solicitação do diretor da Escola de Artes, professor Marcelo Carvalho dos Santos, doou uma Flauta transversa, um Clarinete e um Quarteto de Flautas Bloch, também chamadas Flautas doce.

INSTRUMENTOS

A Flauta transversa é um instrumento de sopro direto, isto é, não é de palheta ou bocal. É um dos instrumentos mais antigos que a História da Música registra, segundo os musicólogos, anterior ao Corno e ao Bugio. A evolução da Flauta, deu-se através dos tempos, de forma larga e lenta; de cana, de madeira, de marfim, de vidro (Laurent, 1806) de borracha (Pepoff, 1850) de metal branco, prata e ouro. Começando sem qualquer tipo de chave chegou a ter 17, e mais tarde, 11. Os aperfeiçoamentos mecânicos devem-se a Quantz, Tromlitz, Grenser, Schuvedler e Böhm, que foi quem lhe deu maiores recursos técnicos e artísticos. Contudo, a sua valorização se deu verdadeiramente no séc. XVI. Possui timbre claro e é empregada nas passagens alegres.

A Clarineta, instrumento de palheta simples, é usada nas Orquestras e Bandas. Deve-se a Cristóvão Deuner os recursos de técnica e timbre de que dispõe, desde o séc. XVII. Os aperfeiçoamentos sucessivos baseados nos princípios de Böhm permitem aos clarinetistas

executar com mais facilidade em todos os tons, com pureza e entoação absolutas. Na Orquestra faz parte integrante do chamado "quarteto de madeira" — flauta, clarineta, oboé e fagote. O Trompete, instrumento de bocal diretamente derivado do "Corno de boi", quando passou a ser feito de metal atingiu comprimentos que, por vezes, iam a 3 metros. Atribui-se ao francês Maurin (séc. XVI) a idéia de vergar o tubo do Trompete em três ramos.

Depois de muitos aperfeiçoamentos técnicos, temos hoje o Trompete de Pistões incorporado nas Sinfônicas e Pandas, contribuindo grandemente com a plenitude e brilho da sua sonoridade.

Finalmente a Flauta Doce, que é acionada diretamente pelos lábios do executante e não por intermédio de um tubo condutor. Antecedeu, artisticamente, nas Orquestras, à flauta transversa. No séc. XVII Praetorius dá notícia de 8 membros da numerosa família das Flautas doces, do flautin à flauta contrabaixo. É usada com muito sucesso, atualmente, nos Cursos de Iniciação Musical, como elemento de Musicalização Infantil, pelo seu fácil manejo e timbre suave, produzindo sons celestiais.

A Escola de Artes está, deste modo, com o seu acervo instrumental enriquecido e espera em futuro muito próximo completar o chamado "quarteto de madeira" com 1 oboé e 1 fagote e o quarteto de metais com 1 trompa profissional, 1 trombone de vara e 1 Tuba.

FULNI-Ô, O FILHO DO SOL E DA LUA

— Você sabe que eu posso, querendo, queimar você? —

— Faça, meu irmão, se tal é o seu desejo! Respondeu-lhe o outro.

Falé-da-to pôs as mãos sobre as coxas (figura de dança conservada nas manifestações religiosas) emitiu um "hã" formidável, secou e queimou tudo, a tal ponto que Walé-da-to tornou-se completamente preto; porém, da parte superior do seu crânio saiu um broto, e quanto mais Falé-da-to o soprava, tanto mais o broto crescia. E cresceu até chegar ao céu. Por isso, os Fulni-ô qualificam essa parte do crânio: Txi-Kxi — o lugar do sangue (vida)".

Esse final da história que ilustra o parentesco dos Fulni-ô, registrada no artigo "Aspectos da Vida Tribal dos Índios Fulni-ô", do escritor Max Boudin, publicado na revista "Cultura", do Ministério de Educação e Cultura, dá bem uma idéia da fantasia indígena, sobretudo, dessa tribo misteriosa que habita em Aguas Belas, município pernambucano. Os Fulni-ô chamam Aguas Belas, em sua língua, o Ia-tê, de Yati-Lxa. Segundo o professor Geraldo Lapenda, que realizou um exaustivo estudo sobre a linguagem dos índios Fulni-ô, a tribo é bilingue. Esse trabalho foi publicado pela Universidade Federal de Pernambuco, e alguns dos seus exemplares podem ser encontrados na biblioteca do Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais. Os Fulni-ô falam Português e o Ia-tê.

Conforme informação, ainda, do escritor Max Boudin, estes índios falam Português. Entretanto, os velhos e as crianças o desco-

nhecem completamente, conversando unicamente em Ia-tê, salvo raras exceções. Os adultos usam sempre, em suas relações, a língua tribal: o Ia-tê, reservando o Português para o contato com os nacionais, nos seus afazeres econômicos. Isso logo diferencia os Fulni-ô dos sertanejos locais".

Diferença

Quando se fala em índios, pelo menos tradicionalmente, imagina-se logo um homem ou mulher nua, empunhando arco e flecha, o corpo todo pintado, cabelos negros e lisos muito compridos. Entretanto, com relação aos índios Fulni-ô, essa imagem é inteiramente falsa. Max Boudin informa que estes índios vestem-se decentemente e "as mulheres começam a fazer uso de todos os artifícios da coquetterie feminina do tipo civilizado, iniciando-se mesmo no uso dominical do baton e do pó de arroz".

Salienta, ainda, que "estes índios não vivem mais de caça e pesca, como faziam os seus antepassados; atualmente, a vida econômica do grupo está baseada, muito prosaicamente, sobre modestos trabalhos de lavoura de um lote de terra, doado pelo Governo a cada família".

Tipo

Por outro lado, os Fulni-ô diferenciam-se bastante das outras tribos convencionais. Convivendo muito tempo com essa tribo, quando realizou uma série de estudos interessantes, o professor Max Boudin, depois de conseguir uma grande amizade com todos os seus integrantes, classificou o tipo físico dos Fulni-ô. Segundo ele, as suas particularidades antropofísicas podem ser assim resumidas: cabelo grosso, preto e liso, parca pilosidade corporal, olhos oblíquos, maçãs bastante acentuadas, estatura pequena, cutis bronzeada ou cor grão de trigo, ataduras geralmente finas. Todos esses elementos formam o diagnóstico da diferenciação étnica do índio Fulni-ô em relação às características étnicas dos núcleos brasileiros ambientes".

E adianta, ainda: "A terceira diferença que acusa a singularidade da tribo, como pertencendo a um mundo cultural completamente estranho ao nosso, é a religião secreta praticada pelos Fulni-ô, adeptos do Juazeiro Sagrado, à cuja sombra benéfica o grupo inteiro ressuscita dum passado nebuloso — que parecia esquecido através de vários séculos, de migrações, guerras, escravidão, todas as infelicidades que dão a um povo a sua patina definitiva, a sua personalidade".

Filhos do Sol, da Lua

A formação das famílias dos Fulni-ô também é bastante estranha. Foi pesquisada e estudada por muitos estudiosos e antropólogos, entre eles, os professores Carlos Estevão e Max Boudin. Em trabalho publicado no Boletim do Museu Nacional, página 174, Tomo XIV, segundo informação do autor do artigo "Aspectos da Vida Tribal dos



Índios Fulni-ô, o professor Carlos Estevão fez a seguinte análise da formação familiar da tribo:

"Filhos do Sol e da Lua, os Fulni-ô são divididos em duas bandas exogâmicas, estas abrangendo cinco clãs totêmicos. Que eu saiba, de todos os povos indígenas do Brasil, estudados conscientemente, não existe um, talvez no qual o totemismo seja melhor caracterizado. As crenças dos Fulni-ô pertencem ao mesmo círculo que as das populações de Brejo das Pedras, de Palmeiras, ou muito provavelmente também de Palmeira dos Índios. Isto, de toda evidência, não significa que todas sejam inteiramente idênticas".

Cinco clãs

Procurando esclarecer ainda mais o problema da relação familiar dos índios Fulni-ô, o professor Max Boudin acrescenta no seu artigo publicado pela revista "Cultura", do Ministério de Educação e Cultura, que "a tribo está dividida em cinco grupos clânicos nitidamente separados; e a cada um destes clãs corresponde um símbolo totêmico, geralmente um animal, cujos membros ligados o impedem de matar e de comer".

Acrescenta, também, que "esta divisão clânica é assim formada, segundo a concepção da hierarquia tribal: clã do fumo, clã do pato, clã do porco, clã do periquito e clã do peixe. Cada membro de um clã determinado deve respeito ou obediência aos membros do clã-avô, cujos deuses são, para eles, benéficos. Esta sujeição se traduz pela palavra: I-TO — meu avô —, o qual trata os membros do clã protegido pela palavra: TXAY — meu neto".

A ordem do parentesco tribal segue a seguinte norma: 1º Sêda-Ito (é avô de todos os outros); 2º Falé-da-to (é neto e irmão do Walé-da-to); 3º Walé-da-to (é neto de Lil-dyak-to); 4º Lilduak-to (é neto de Falé-da-to, porque foi criado por ele e de Txo-o-ko); e 5º Txo-o-ko (é neto de Walé-da-to e de Falé-da-to).

Religião

A religião dos Fulni-ô é um grande mistério para os estudiosos, ainda hoje. Eles são secretamente adeptos do Juazeiro Sagrado e fazem muito mistério, não permitindo mesmo que os civilizados possam ter maiores informações sobre as suas "rezas". Todos os investigadores — pesquisadores, antropólogos e sociólogos — encontram as mais diversas dificuldades para conhecerem com precisão essa misteriosa religião dos Fulni-ô. Mesmo aqueles que se fazem amigos dos chefes indígenas e mantêm uma enorme relação de amizade com todos os integrantes dos clãs não conseguem as informações desejadas. Por isso, Max Boudin acredita que esse véu de mistério "permitiu a conservação, até hoje, de um passado remoto, cujo conteúdo começa apenas a ser entrevisto, embora, há mais de dois séculos seja quotidiano o contato destes índios com os civilizados".

Os Fulni-ô costumam dançar o toré, que eles chamam Toré, ao som de rústicos instrumentos de sopro, entre eles a flauta feita de bambu ou de outra espécie qualquer encontrada no seu "habitat". Dançam, geralmente de vestimentas confeccionadas com palhas e, muitas vezes, de braços dados, parando, rodopiando, dando voltas, tudo de acordo o som emitido pelos instrumentos que é uma espécie de "regência" do estranho "balé" indígena.

Hoje, os Fulni-ô estão completamente integrados à vida do Estado de Pernambuco, e particularmente à de Aguas Belas onde vivem há muito tempo. Participam do comércio, dos festejos populares, mantêm ótimas relações com a população e alguns são até convidados para a vida político-partidária da cidade, embora para isso precisem ter ordens expressas dos seus chefes.

Segundo alguns estudiosos, é possível que os Fulni-ô descendam dos índios Cariris — ou Kariris — que habitavam os sertões de pernambuco, certa região do Ceará — sobretudo na Região do Cariri — e também na Serra da Borborema, na Paraíba. Entretanto, os estudos não chegaram ainda a uma conclusão, embora vários antropólogos prossigam em suas pesquisas.

Outros estudiosos chegam a admitir que os Fulni-ô descendem dos Carijós — ou Karijós. Mesmo assim, essa opinião não é muito aceita, embora seja vista como uma das possibilidades para se chegar a uma conclusão definitiva sobre o assunto.

Miscigenação é motivo de discórdias entre estudiosos

As pesquisas sobre o ameríndio pré-colombiano, iniciadas por Alec Hrdlicka, e prosseguidas por Clark Wissler e Paul Rivet, entre outros, indicam possivelmente, que os índios brasileiros são originários dos mongóis e malaio-polinésicos. Entretanto outros estudiosos consideram que as culturas desenvolvidas no Brasil apresentam-se tão dissociadas das culturas asiáticas, que é lícito considerá-las como produto das condições externas, impostas pelo novo habitat.

A classificação indígena brasileira tem apresentado sérias dificuldades. Isso em virtude de uma característica muito brasileira, já salientada por eminentes estudiosos das raças no País: trata-se da miscigenação. Segundo estes mesmos estudiosos, o modo mais prático de classificá-las é admitir mesmo que o indígena "é todo contingente humano ainda vinculado, em maior ou menor grau, a tradições pré-colombianas e que, por conseguinte, depara-se com problemas de adaptação à sociedade civilizada".

A população indígena brasileira caracteriza-se pela multiplicidade dos grupos — 140 na atualidade — e pela baixa concentração demográfica de cada um deles. Com 91 grupos na Amazônia, 35 no Brasil central, 16 no Brasil oriental e 4 no sul do Brasil, ela perfaz um total aproximado de 180.000 indivíduos. No que diz respeito ao grau de contato interétnico, cerca de 34 grupos (27% da população indígena) conservam-se isolados, 27 grupos (14%) têm contatos irregulares com os brancos, 44 (23%) relacionam-se constantemente com os civilizados e 35 (36%) já se acham integrados à sociedade nacional. Dos 180.000 indígenas que vivem em nosso território, cerca de 50.000 mantêm-se arredios e sem contatos com os civilizados, 50.000 recebem assistência de 43 missões religiosas, católicas ou protestantes, e 80.000 são diretamente assistidos pela Funai, órgão responsável pela política indigenista brasileira. No entanto, apesar dessa assistência, como decorrência do processo gradual de extermínio a que os indígenas vêm sendo submetidos desde a

época da descoberta — a princípio através da luta armada e, modernamente, pela não execução de uma política satisfatória na preservação das tribos ainda existentes — de 1.900 até hoje desapareceram cerca de 36% dos grupos então conhecidos e é razoável prever que, a continuar assim, no ano 2.000 já estarão totalmente extintos mais de cinquenta dos grupos até hoje conhecidos.

Os índios brasileiros tiram sua subsistência dos recursos naturais que lhes são oferecidos pelo meio geográfico e que utilizam para a produção de alimentos e de artefatos. No entanto, um grupo indígena não lança mão de todos os recursos da área em que está localizado, mas os seleciona, em função de suas preferências culturais e da capacidade de sua tecnologia rudimentar. Dessa forma, se a maioria das tribos pratica a agricultura, nem todas dão a ela igual importância.

Política indigenista

A primeira iniciativa concreta de uma política indige-

nista federal foi a criação, em 20 de julho de 1910, do Serviço de Proteção aos Índios, cujo objetivo era solucionar os conflitos existentes entre os silvícolas, defensores da posse secular exercida por suas tribos sobre os amplos territórios que ocupavam, e o branco, membro da sociedade brasileira, que formava a vanguarda de ocupação do interior do País. Desde o início da colonização, o relacionamento entre as duas raças se processara em termos belicistas; só no início do século XX, o Governo da República se deu conta da necessidade de adotar medidas capazes de impedir o extermínio total das populações selvagens e que, ao mesmo tempo, satisfizessem as necessidades de expansão dos núcleos civilizados. O organizador e primeiro diretor do Serviço de Proteção aos Índios, capitão Cândido Mariano da Silva Rondon (depois marechal), estabeleceu uma política indigenista brasileira cujas linhas mestras a XXXIX Conferência Internacional do Trabalho, em Genebra (1956), recomendou a todos os países com problemas de integração de

populações tribais. As diretrizes de Rondon previam o respeito à autodeterminação indígena, no que se refere à expansão a partir de seus próprios padrões culturais, a proibição do desmembramento da família e a proteção do patrimônio territorial indígena, garantido através de posse permanente, de caráter coletivo e inalienável. A execução desses princípios — nem sempre levados integralmente a cabo — foi confiada ao Serviço de Proteção ao Índio e, a partir de 22 de novembro de 1939, também ao Conselho Nacional de Proteção ao Índio.

Esses dois organismos — e ainda o Parque Indígena do Xingu — foram fundidos num só, a Fundação Nacional do Índio (Funai), em 5 de dezembro de 1971. Depois de ter passado por completa reestruturação administrativa, a Funai é hoje regida por um estatuto (12-12-73) que, entre outras coisas, regulamentou a situação jurídica do índio. O objetivo da Fundação é garantir aos silvícolas a posse permanente das terras que habitam, o

usufruto exclusivo dos recursos naturais nelas existentes, bem como a preservação de sua cultura e a prestação de assistência médico-sanitária e educacional. Sua ação exerce-se, atualmente, através de nove delegacias regionais, três ajudâncias, quatro bases avançadas na Transamazônica, quatro parques, dezessete reservas e 145 postos indígenas, números que têm-se revelado insuficientes, até agora, para solucionar os graves problemas da população indígena.

Graças à dedicação de sertanistas experientes — tais como os irmãos Orlando e Cláudio Vilas Boas, Francisco Meireles e Apoená Meireles —, os grupos hostis estão sendo pacificados: a esse setor de atividades destinou-se sempre a maior parte da dotação financeira oficial, talvez por ser o que mais atenda aos interesses expansionistas e de tomada de posse do território. (Todas as informações são constantes do Almanaque Abril, 1975, publicado pela Editora Abril).

Energia Nuclear amplia intercâmbio com Canadá

Está assegurada a ampliação do intercâmbio de idéias, técnicas e serviços entre o Centro de Energia Nuclear da UFPe, e a Universidade de Saskatchewan, do Canadá, de acordo com recente convênio firmado entre as duas instituições.

Para a assinatura do acordo, estiveram no Recife os professores D. A. Rennie, chefe do Departamento de Pedologia da Universidade de Saskatchewan, J. Stewart, perito da Agência Internacional de Energia Atômica, e D. W. Darnell, 1.º secretário da CIDA. Eles foram recebidos pelo Reitor Marconilo Lins e o diretor do Centro de Energia Nuclear, prof. Arão Harowitz.

O convênio terá duração de cinco anos. Envolve recursos da ordem de um milhão de dólares, metade dos quais é proveniente da instituição canadense de ensino e pesquisa.

Objetivos

O convênio abrangerá três

principais finalidades: treinamento de pesquisadores a nível de PhD na Universidade de Saskatchewan, começando com as áreas de Física de Solos, Fertilidade de Solos, Microbiologia de Solos e Engenharia Agrícola; intercâmbio de professores (dois professores canadenses estarão, no primeiro ano, colaborando com os seus colegas pernambucanos, um na área de Fertilidade de Solos e o outro na de Física de Solos. Ao mesmo tempo, está previsto a ida de um professor da UFPe, para aquela Universidade com a finalidade de realizar, juntamente com canadenses, um trabalho de pesquisa sobre Química de Solos e aquisição de equipamentos como sondas para amostragens de so-

los, cintiladores líquidos, unidades rádio-químicas, etc.

Interesse

Além da UFPe, também a Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPe) e a Usina Central Barreiros estão envolvidas no convênio. O professor Humberto Carneiro, Reitor da UFRPe, apoiou o acordo com entusiasmo, enquanto o Dr. Roberto Bezerra de Melo, diretor-presidente da Usina Central, participou ativamente das negociações, inclusive proporcionando ao pessoal canadense uma visita àquela indústria. Na ocasião, os visitantes ouviram uma exposição sobre o funcionamento da Usina, seus problemas e vislumbradas soluções.



Descontraídos, diretor e alunos dialogam na F. de Odontologia.

Prof. Ageu distinguido com Medalha em S. Paulo

O Prof. Ageu Sales, diretor da Faculdade de Odontologia da UFPe, foi distinguido com a "Medalha Luís Cezar Pannain", considerada o mais alto tributo científico da odontologia brasileira.

A medalha foi entregue durante sessão solene no Plenário da Câmara Municipal de São Paulo, sendo a

condecoração conferida também a mais nove cirurgiões-dentistas de outras instituições de ensino.

A escolha dos nomes homenageados com a "Medalha Luís Cezar Pannain" ficou a cargo do Sindicato dos Odontologistas de São Paulo, juntamente com as Entidades Odontológicas Paulista e Brasileira.

Ética e Liberdade

Humberto Rodrigues de Carvalho
Estudante de Filosofia e Psicologia

Se considerarmos a Ética como a ciência da moral, que trata dos deveres dos homens, da reta maneira de proceder, temos que nos perguntar: em que se fundamenta? Em que consiste? Se é possível? Visto que o proceder retamente implica na capacidade de discernir (conhecer), que por sua vez implica em que o homem seja livre (ser de liberdade).

Essa necessidade se torna mais premente quando nós, profissionais da psicologia, preocupados com a questão ética, encontramos no seio da própria comunidade dos psicólogos, influentes cientistas como o que, em um dos livros de sua autoria, já no título do livro, "põe em dúvida tudo o que foi dito até hoje sobre questões filosóficas tais como Liberdade, Dignidade, Valor, etc.". O próprio dever moral ensina e solicita que examinemos proposições dessa natureza, pois segundo o que professamos, é bom examinar bem a realidade para distinguir o bem do mal. E, ainda segundo o que professamos, não podemos erigir uma ciência, ou pelo menos não é conveniente, sobre a dúvida.

Ora, muitos de nós professamos a liberdade e a ciência, por participarmos do dom da Fé religiosa e sabermos pela Revelação que Deus nos criou livres e inteligentes. Mas nem todos possuem esse dom, e ainda que o possuíssem, não poderiam tratar uma questão filosófica com verdades teológicas.

Outras vezes temos uma confiança moral nos homens de ciência do passado e do presente, que nos falam da liberdade, da possibilidade do conhecimento e discernem entre o bem e o mal. Mas, como a responsabilidade de agir segundo a reta razão pesa sobre cada homem, individualmente, convém, pois, que nós mesmos busquemos saber o que é reto, para não ocorrer que, levados por uma displicente e impensada confiança, caiamos nos erros que outros caíram, e possamos evitar as ciladas que se nos apresentarem, na medida do possível.

Estudo da proposição em questão

Provalmente Skinner usou um argumento

filosófico, visto que se propõe a por em dúvida, "tudo o que foi dito até hoje sobre questões filosóficas". O argumento não poderia basear-se na Revelação nem na ciência empírica. Pois a Revelação é dirigida aos que têm Fé, que é um ato de entregar-se todo a Deus, "prestando ao Deus revelador um obsequio pleno do intelecto e da vontade", aceitando voluntariamente a revelação feita por Ele. A negação também não poderia ser feita, pelos meios da Ciência Empírica, (que se fundamenta no saber filosófico), desde que a realidade em causa não é manipulável, nem fisicamente mensurável. No exame da proposição desse cientista, teremos que fazer um enfoque da questão unicamente à luz da razão natural.

Examinemos pois a proposição. O título do livro é: "O Mito da Liberdade". Vamos analisá-la inicialmente do ponto de vista da Lógica Formal. Trata-se de um silogismo irregular (não queremos fazer uma acusação de ordem jurídico-moral). É irregular porque nele, as premissas, a conclusão e a cópula estão subentendidas numa só proposição. Se decomposmos a dita proposição, ela poderá tomar a seguinte forma:

O mito é irreal (1)
o mito (é predicado) da Liberdade
logo, a liberdade é irreal

(1) Para os fins a que se propõe o autor do livro, o termo mito foi usado em sentido figurado, em que significa: irrealidade, coisa inacreditável.

Decomposto o silogismo dessa forma, e sem afirmar ainda a falsidade ou veracidade do mesmo, passemos a analisá-lo sob o enfoque da Lógica Material e Teoria do Conhecimento.

Refutação e Justificação

Nós distinguimos uma verdade lógica e uma Verdade Ontológica. O que não significa que haja duas verdades: se o fazemos é por razão de ordem didática.

A verdade lógica (mero conceito, ser ideal), diz respeito à "conformidade do es-

pírito às coisas, isto é, à verdade ontológica". A Verdade Ontológica (real), diz respeito à Realidade mesma. Verdade é realidade, é o que é. Para ser o que é, não depende de nós.

Ora, só há verdade lógica se realmente a enunciação estiver de acordo com o objeto enunciado; a recíproca não é verdadeira.

Skinner enuncia: "O Mito da Liberdade". Importa perguntarmos: em virtude de que, ele pretende que esse enunciado é conforme a realidade da Verdade Ontológica, se ele mesmo propõe que tudo é condicionamento? Quem nos garante a verdade do seu enunciado, se esse mesmo enunciado é condicionado? Ora, a verdade é uma realidade ontológica; ela é ela mesma. O enunciado que fizermos a respeito da realidade ontológica só será verdade Lógica se estiver de acordo com o objeto enunciado. Mas para que haja esse acordo convém que não haja nenhum condicionamento; do contrário a proposição não estaria de acordo com a realidade ontológica. Em outras palavras, a condição, (que não é condicionamento), para que o homem possa enunciar uma verdade é que ele seja livre. (ser de liberdade).

Ora, se Skinner pretende que a enunciação que faz, o título do livro, seja verdade, deve aceitar que o homem é livre, pelas razões expostas acima. Mas como pode ele aceitar que o homem é livre, se ele mesmo diz que não o é? Se, porém, é falsa a enunciação de Skinner, então não há razão para acreditarmos nela.

A quem dissesse, entretanto, que Skinner refere-se apenas a determinadas formas de comportamento que não são livres, caberia responder primeiro que determinado comportamento por si mesmo não é liberdade. A liberdade não é determinada, ela é o que é. A liberdade no homem decorre do fato de ele ser o que é, ser de razão. O fato de

alguns não procederem segundo a liberdade de que desfrutam, não nos dá o direito de concluir que o homem não é livre (ser de liberdade), mas somente, que esses homens não assumiram seu dom de liberdade.

Skinner, porém, não se refere apenas a determinados comportamentos, ao menos não dá mostra disso; pois a sua proposição tem caráter universal, necessário. Ele se refere à liberdade mesma. Na proposição, título do livro, não dá sinal do contrário.

O insucesso do filósofo não implica no mau sucesso das observações do cientista experimental.

A Arma do condicionamento

O homem de hoje, por causa do ritmo de vida que leva, está constantemente sob o efeito de fatores condicionantes, dos quais pode ele se libertar à medida que for ele mesmo, homem, ser de razão. O homem é homem e deve ser homem. Essa é sua perfeição. Pelo pensamento, que o distingue dos animais, ele espera o condicionamento, domina o inconsciente, pois, nessa certeza, baseia-se a psicanálise.

Em uma época, entretanto, em que se está sob a influência de tantos condicionamentos, decorrentes do próprio esforço para viver, é um atentado à liberdade e dignidade, do homem, utilizar-se de maneira indiscriminada e arbitrária, de certos meios de propaganda. Por exemplo: vender band-aid, associado com brinquedo (grátis?!).

O uso desse processo terapêutico, também merece de nossa parte uma análise profunda. Será que é lícito usar desse processo terapêutico? Usá-lo sem o livre consentimento do paciente? Seria realmente uma solução própria para o homem? Até que ponto?

Refletir sobre essas e outras questões é dever moral. Pensar essa realidade é fazer Filosofia da Ética.

FILÓLOGOS DISCUTEM NO RECIFE OS DESTINOS DA NOSSA LÍNGUA

A 8.^a Reunião Nacional do Projeto de Norma Urbana Culta foi realizada no Recife (Instituto de Letras da UFPE), na segunda quinzena de dezembro último, com a participação das equipes de especialistas que desenvolvem a pesquisa nas demais cidades brasileiras. Determinar a estrutura lingüística brasileira é o principal objetivo do NURC.

A idéia de uma reunião interamericana de lingüística, com o intuito de trabalhar organizadamente para o desenvolvimento da Lingüística e sua aplicação, surgiu em 1958, como decorrência dos entendimentos havidos entre os linguistas José Manuel Rivas Sacconi, Ramón de Zubiria, Trusten W. Russel, Norman A. McQuown e Archibald A. Hill, eminentes especialistas na matéria. Dos entendimentos daquele ano resultou a fundação do Programa Interamericano de Lingüística e Ensino de Línguas (PILEL), cujo 1.^o Simpósio foi efetuado em Cartagena, na Colômbia, em agosto de 1963.

Para o melhor desempenho de suas funções, porém, organizaram-se no PILEL diversas comissões, dentre as quais a Comissão de Lingüística e Dialectologia Ibero-Americana (CLDI), encarregada da pesquisa entre os países colonizados por espanhóis e portugueses. O ambicioso projeto prosseguiu em sua marcha, inclusive com a realização do seu 2.^o Simpósio, desta vez efetuado em Bloomington, nos Estados Unidos, um país de tradição anglo-saxônica.

Principal objetivo

Em Bloomington, durante as conversações mantidas entre os promotores da idéia, que contaram com a incontinente e decisiva adesão do professor Juan M. Lope Blanch, do Colégio do México, ficou acertado que ao PILEL, através da sua CLDI, caberia fazer uma pormenorizada e rigorosa descrição do modo de falar das pessoas cultas residentes, nas principais cidades da América luso-hispânica. E foi justamente o que ocorreu: 600 pessoas cultas, de diferentes idades e sexos, tiveram suas conversas gravadas em fitas magnéticas que totalizariam, em cada cidade, um mínimo de quatrocentas horas de conversação, e esse material, recolhido das fitas, daria aos especialistas as condições necessárias para o estudo da fonética, fonologia, morfologia e sintaxe usuais na fala destas pessoas.

O estudo foi organizado de acordo com um questionário único para todas as cidades escolhidas pelo Programa. Somente assim, acreditam os pesquisadores, os resultados

podem ser convenientemente comparados, além de proporcionar uma melhor avaliação das diferenças e semelhanças na fala das cidades estudadas. Após a reunião de Madrid, realizada em outubro de 1966, os questionários foram imediatamente elaborados, e na reunião seguinte, em Bogotá, foram revisadas as partes dos questionários que os responsáveis pelo trabalho em cada cidade haviam preparado e levada para discussão.

Brasil convidado

Foi somente em janeiro de 1968, no decorrer do Simpósio, realizado na cidade do México, que o Brasil foi convidado. No entanto, já durante a reunião de Bogotá fora feita a sugestão. Apresentado aos membros da CLDI, o professor Nelson Rossi, da Universidade Federal da Bahia, afirmou "não ter a menor dúvida, sobretudo depois de ter acompanhado atentamente os trabalhos de Bogotá, quanto à alta conveniência, para o Brasil, de incorporar-se ao Projeto".

Rossi apela aos baianos



Nelson Rossi

— "Se forem abordados, pessoalmente ou por telefone, por um dos professores do Departamento de Vernáculos do Instituto de Letras da UFBA, e convidados a colaborar no Projeto da Norma Culta, tenham com ele a receptividade e a compreensão que consta estarem encontrando os pesquisadores de renda familiar do IBGE".

Este tipo de apelo, dirigido ao povo de sua terra pelo professor Nelson Rossi, sensibilizou enormemente a todas as pessoas que entraram em contato com os pesquisadores do NURC.

A alusão ao Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística é facilmente compreensível. Trata-se de uma pesquisa que aquele órgão vem realizando, já há alguns meses, sobre a renda familiar do povo brasileiro. A tarefa dos pesquisadores do IBGE é facilitada por um programa de televisão, no qual aparece uma estrela bastante conhecida (Regina Duarte) recebendo uma pesquisadora com o máximo de boa vontade. A produção do filme teria custado um preço acima da média habitual das campanhas publicitárias de órgãos da administração pública que se propõem a preparar psicologicamente a população para os pequenos incômodos da coletividade de cada um. No entanto, os resultados obtidos vêm justificando o preço da campanha, e muito provavelmente isto se deve não apenas ao filme, como também ao aparecimento, no vídeo, da estrela de televisão.

Aparente ingenuidade

Para o professor Rossi, os pesquisadores podem fazer perguntas que aparentemente, mas só aparentemente, pareçam ingênuas, mesmo porque investigações desse tipo não podem prescindir dessa aparente ingenuidade. Para ele, os recursos modestos de que dispõem não permitem a recorrência a processos mais requintados de criar em tais informantes potenciais uma imagem deste trabalho tão subliminarmente favorável quanto à que se diz criado, através de uma estrela de televisão, da pesquisa do IBGE.

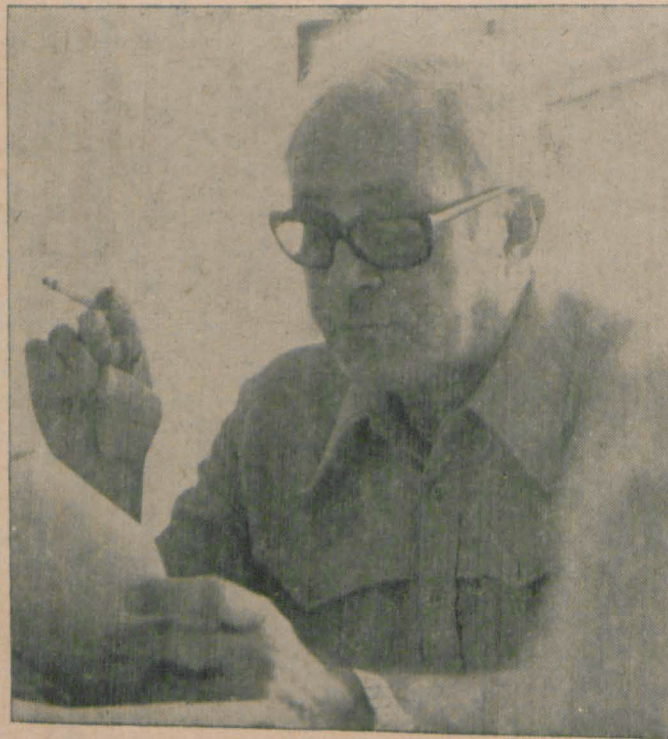
Em Salvador, convidados ao saberem que a gravação feita no Laboratório de Fonética do Instituto de Letras oferece condições técnicas superiores às que se fazem em suas residências ou locais de trabalho, concordam em deslocar-se até lá para gravar, revelando, na maioria das vezes, verdadeiro espírito de sacrifício. E, ao fim, certamente que ambas as partes sairão ganhando.

Verbo e neologismos

"O problema de criação do verbo é de aspecto semântico. Muitos neologismos já foram criados no Brasil, como decorrência de fenômenos econômicos, políticos e sociais", afirma o professor José Brasileiro Vilanova, do Instituto de Letras da Universidade Federal de Pernambuco. Ele chama a atenção para um dos inúmeros problemas suscitados por uma língua que, aparentemente, uma, é falada por dois povos — o brasileiro e o português — cujas tradições culturais nem sempre coincidem em tudo. E prossegue: "O que existe de diferenciado entre o português do Brasil e o de Portugal é, principalmente, o vocabulário. Na sintaxe existem algumas diferenças que não constituem, do ponto de vista diacrônico, brasileirismos. Porque herdamos dos portugueses e nos foram trazidos pelos colonizadores.

Em Recife, a primeira reunião do Projeto NURC foi realizada no ano de 1971. Recentemente, porém no 2.^o andar do prédio dos Institutos Básicos, onde ficam localizadas algumas das dependências do Instituto de Letras, da UFPE, acaba de ser realizada a VIII Reunião Nacional do Projeto NURC, congregando todos os responsáveis pelo empreendimento no Brasil, além de vários outros professores brasileiros.

"Vamos determinar a estrutura lingüística brasileira", afirma o professor Brasileiro Vilanova, mostrando o entusiasmo alentador daqueles que, aqui como em qualquer uma das outras quatro cidades do País, não medem esforços no seu desejo de traduzir em realidade as ambiciosas pretensões dos idealizadores do NURC.



José Brasileiro Vilanova

Vitalidade



Celso



Durante uma semana intensos trabalhos da VIII Reunião do NURC

O Projeto no Brasil

O professor Rossi argumentou que a cidade do Rio de Janeiro, apesar de sua excepcional significação como aglomerado urbano e como centro de irradiação de padrões culturais, não daria por si só a verdadeira imagem do português do Brasil correspondente à que do espanhol da América se obterá das capitais de países. E sugeriu, então, inclusão de cinco cidades brasileiras no Projeto. Rio de Janeiro, São Paulo, Porto Alegre, Recife e Salvador seriam as cidades, excluindo-se Belo Horizonte por não preencher — devido à sua juventude como *urbs* — os requisitos de fundamentação e consolidação necessários à efetivação da pesquisa. Mas o professor Nelson Rossi afirmou ainda que de nenhum modo pretendia restringir o interesse do estudo da norma culta às cidades enumeradas. Do ponto de vista da Geografia Lingüística tradicional, segundo ele, seria possível a inclusão no Programa de todas as cidades brasileiras, principalmente Belém do Pará e São Luís do Maranhão, que completariam o equilíbrio espacial preconizado por ele, com a visão dos dois pólos principais da Região Nordeste. Observou, no entanto, que as populações dessas

duas cidades acabam por excluí-las completamente do espírito do projeto, que se assinala sobretudo pelo empenho de ocupar-se de grandes concentrações urbanas.

Primeira capital

Ao ser escolhida, Salvador não dispunha ainda de uma população de 1 milhão de habitantes. Contudo, sua condição de primeira capital do País, suas longas tradições culturais e a insistência com que os documentos relativos ao projeto mencionam a "necessidade de um pequeno laboratório lingüístico em cada instituição participante" (Salvador possui um Laboratório de Fonética em pleno funcionamento), foram fatores decisivos para a participação desta cidade.

Rara pesquisa lingüística

Infelizmente, porém, é muito rara, no Brasil, a troca de informações científicas no âmbito da Lingüística. E é o professor Rossi quem afirma: "Faltam a maturidade científica e as condições econômicas necessárias para chegarmos ao clima de cooperação que, para o desenvolvimento de

pesquisa, no mundo de hoje, se tem revelado muito mais produtivo do que a competição individual acirrada. Só para dar uma idéia de quanto nos ignoramos reciprocamente uns aos outros, lembro que a última oportunidade que tivemos no Brasil de encontrar-nos, em número razoavelmente significativo, foi em 1958, no I Congresso Brasileiro de Dialectologia e Etnografia, que não se repetiu".

Responsáveis

Em janeiro de 1969, aproveitando a presença de vários professores brasileiros reunidos por ocasião do III Instituto Interamericano de Lingüística, promovido pelo PILEL, o professor Nelson Rossi declarou que como primeiro passo para a efetivação da pesquisa no Brasil seria necessário escolher os responsáveis pelo trabalho em cada uma das cinco cidades indicadas. Após algumas consultas, assim ficou constituído o quadro dos responsáveis: Salvador, professor Nelson Rossi, Recife, professor José Brasileiro Vilanova; São Paulo, professor Isac Nicolau Salum e Ataliba de Castilho; Rio de Janeiro, professor Celso Cunha e Porto Alegre, professor Albino de Bem Veiga.

fenômeno lingüístico

O professor Celso Cunha, da Universidade Federal do Rio de Janeiro, é o Coordenador dos trabalhos naquela cidade e, atualmente, Coordenador Geral do Projeto NURC (Projeto da Norma Urbana Culta, nome adotado pelos pesquisadores brasileiros para designar as pesquisas por eles realizadas). A entrada do Brasil no Projeto foi, para o professor Celso Cunha, uma idéia de mais alta importância. "Estamos efetuando a pesquisa em cidades de mais de 1 milhão de habitantes e que tenham, no mínimo, 100 anos de existência, a fim de que algumas gerações possam ser examinadas. Por essa razão, Belo Horizonte, terceira cidade em população do País, não foi incluída no plano original: ela tem pouco mais de 70 anos de existência", afirmou Celso Cunha.

Auxílios

Diz, ainda, que o Projeto se iniciou com auxílio das universidades localizadas nas cidades objeto do levantamento lingüístico. E naturalmente o Projeto teve, em cada uma delas, maior ou menor receptividade, o que prejudicava a sua progressão uniforme, como seria desejável. "Em razão disto, foi solicitado um auxílio geral ao MEC para o Projeto, e que será concedido no próximo ano. Para que esse auxílio fosse conseguido, o senador Jarbas Passarinho, então Ministro de Educação e Cultura, submeteu o Projeto NURC ao exame do Conselho Federal de Cultura, que manifestara calorosamente favorável ao seu patrocínio pelo MEC, através dos Conselheiros Valmir Chagas, Raimundo Faoro e Irmão Otão". Espera o professor Celso Cunha que o auxílio ministerial possa apressar a recolha do material sonoro e, conseqüentemente, a sua análise imediata.

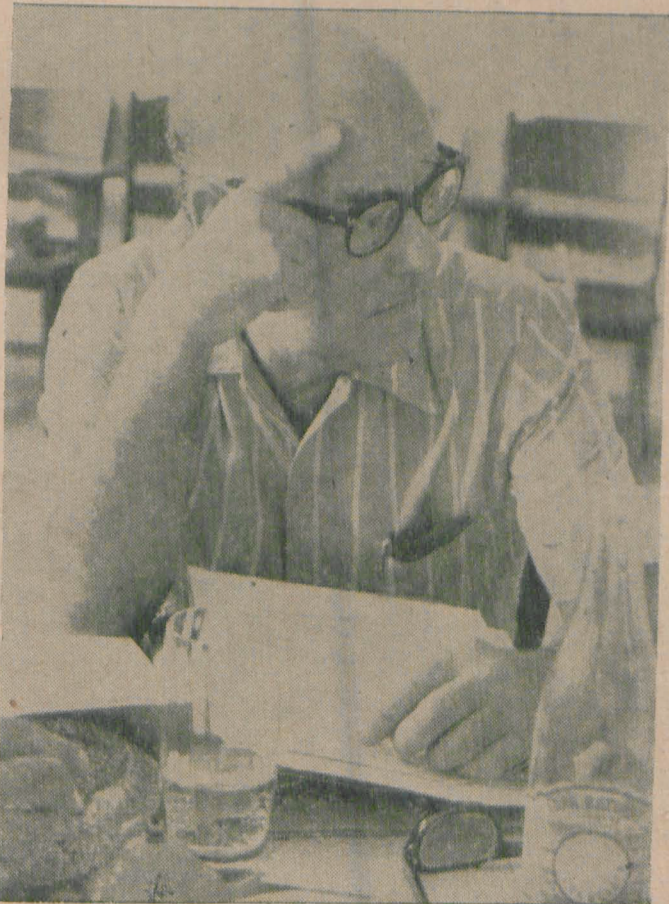
Estudo diacrônico

"Com este Projeto, que trata única e exclusivamente da língua oral culta, pretende-se verificar a vitalidade dos fenômenos lingüísticos, à deriva do nosso idioma e, sobre essa realidade, programarmos o seu ensino com maior eficácia. Isto do ponto de vista pedagógico. Do ponto de vista lingüístico, puramente científico, seria impossível indicarmos os trabalhos que poderiam ser feitos com base neste "corpus", que, recolhido com as precauções que temos tomado, será um vasto documentário de um momento da língua portuguesa, que irá servir ao estudo diacrônico das gerações que nos sucederem. Os resultados já obtidos em algumas cidades, como é o caso do México, que terminou as gravações, são realmente animadores", concluiu Celso Cunha.

Receptividade no RGS

"O Projeto em Porto Alegre vem se desenvolvendo desde 1969, embora com as dificuldades peculiares de um empreendimento de tal envergadura", é o que afirma o professor Albino de Bem Veiga, titular de Língua Portuguesa da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Responsável pela pesquisa na cidade de Porto Alegre, ele deixa transparecer um grande otimismo: "Temos conseguido o apoio da Universidade Federal, com um mínimo do indispensável para que o Projeto se desenvolva em ritmo apreciável. Felizmente já foi aprovado o financiamento por parte do MEC, graças ao esforço do professor Celso Cunha".

Em Porto Alegre, o Projeto NURC tem tido uma animadora receptividade, tanto da parte da imprensa quanto das demais instituições culturais e científicas. "Já vencemos a primeira fase e as gravações prosseguem com todo o rigor exigido pelo Projeto. E mais do que nunca estamos convencidos de que a pesquisa dará resultados imprevisíveis pela sua importância, que é muito maior do que podem pensar professores e pessoas que conheçam ou ouviram falar, de uma maneira ou de outra, do Projeto NURC", finalizou o professor Albino de Bem Veiga.



Albino de Bem Veiga

Ritmo acelerado em S P



Dino Preti

"Em São Paulo, a primeira gravação do Projeto NURC foi feita em outubro de 1971. Desde outubro de 1971 a novembro de 1974, é bom que se diga, nós gravamos cerca de 204 horas e 40 minutos", diz o professor Dino Preti, Assessor Técnico do Projeto NURC. Professor de Língua Portuguesa no Departamento de Letras da Universidade Estadual de São Paulo, o professor Preti também está otimista. "Naquela cidade, com o apoio financeiro da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP), constituímos uma equipe de trabalho composta de sete documentadores e uma secretária e, atualmente, estamos introduzindo no Projeto, como estagiários, vários professores pós-graduados sob minha orientação. Asseguro-lhe que São Paulo montou toda uma infraestrutura do Projeto, contando com Secretaria, arquivos, mapas estatísticos, etc. Lá existe uma certa curiosidade pela pesquisa, aliada a uma grande dificuldade na busca de informantes específicos. É que as pessoas sentem bastante inibição em gravar, mesmo as pessoas cultas. De qualquer maneira, porém, dentro dos dois próximos anos, provavelmente, as pesquisas poderão ser concluídas naquela cidade", finalizou.

Laboratório de Fisiologia do Esforço funciona na UFPE

O Núcleo de Esportes da Universidade Federal de Pernambuco acaba de instalar um Laboratório de Fisiologia do Esforço, com modernos aparelhos doados pela Sociedade de Medicina Esportiva. Em consequência, a partir do próximo concurso vestibular, os candidatos aos cursos superiores de Educação Física e Técnico de Desportes se submeterão aos testes de aptidão física nesse Laboratório, ao invés das tradicionais provas anteriormente realizadas e que não oferecem todos os elementos para uma avaliação precisa das aptidões dos candidatos.



A professora Carmem Monteiro (diretora do Núcleo) e o doutorando da UFRGS, Clovis Aragão de Oliveira, preparando um aluno para teste no Laboratório de Fisiologia do Esforço.

O Laboratório de Fisiologia do Esforço é composto de uma bicicleta ergométrica, um cicloergômetro, um scope, um taquímetro, um eletrocardiômetro, um tensiômetro e um expirômetro. Trata-se de aparelhagem das mais modernas, indispensável a qualquer centro ou entidade que lida com o ensino e a prática da educação física e desportos em geral, principalmente a nível superior.

O TESTE

Durante o teste, sob a assistência de professores, o candidato ou o atleta senta-se na bicicleta, depois de ter vários eletrodos ligados aos membros superiores (braços e torax) ao tensiômetro e ao eletrocardiômetro, e começa então a pedalar de forma progressiva, até chegar ao limite da sua resistência, acusado pelos aparelhos.

Todo o controle é centralizado nos batimentos cardíacos, daí a importância do eletrocardiômetro, a exemplo do tensiômetro, os quais permitem ao professor exercer um controle completo sobre o aparelho circulatório da pessoa, assim como da sua capacidade de resistência ao esforço dispendido. A capacidade respiratória, é medida e controlada pelo expirômetro.

Esses aparelhos, que compreendem o módulo um do Laboratório, dão ao professor



de Educação Física e aos técnicos de desportos todos os dados que os mesmos necessitam para a realização de um trabalho mais consciente nos treinamentos, visando o preparo físico dos seus atletas e alunos, de um modo mais objetivo e racional, com melhores rendimentos — explicou a professora Carmem Monteiro, diretora do Núcleo Esportivo da Pró-Reitoria para Assuntos Comunitários da UFPE.

UTILIZAÇÃO

Pretende o Núcleo de Esportes da UFPE fazer uma pesquisa com atletas de clubes — profissionais e amadores —, principalmente com atletas de seleções, a fim de mostrar a importância do Laboratório de Fisiologia do Esforço na avaliação científica da capacidade física de cada um. Para isso já existe uma equipe de alunos-monitores de Educação Física da UFPE, do Departamento de Fisiologia, devidamente preparada e à disposição dos interessados.

Núcleo promove um curso para auxiliar de pesquisa

Uma equipe de especialistas da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, sob a coordenação do professor Eduardo Henrique de Rose, ministrou um curso de treinamento de auxiliar de pesquisa em Educação Física e Desportos, recentemente, no Núcleo de Esportes da Universidade Federal de Pernambuco.

O programa do curso compreendeu um total de 32 horas-aulas, sendo uma parte para o Ciclo Básico e uma carga maior para o Ciclo Operacional. Com relação ao Básico, as aulas versaram sobre critérios de testes; noções de estatística e amostragem; conceito de aptidão física; noções de fisiologia cardio-respiratória; noções de fisiologia neuromuscular. Para o Ciclo Operacional, o programa tratou de biometria, expirimetria, ergometria e prática de testes de campo.

Objetivou o curso formar elementos para operar equipamentos padrões dos Laboratórios de Pesquisa em Educação Física e Desportos, tendo alcançado pleno êxito.

OPINIÕES

Vários participantes do curso manifestaram-se satisfeitos com o progra-

ma. Maria de Lourdes Bezerra Freire, por exemplo, declarou que o curso serviu para colocar na prática a fisiologia, "porque ficamos todos em condições de lidar com os atletas". Marta Ângela Paiva salientou que "ajudou-nos a conhecer fisiologicamente a capacidade do atleta. Daí se poder fazer um treinamento adequado e compatível com a capacidade física do atleta, além da prevenção cardíaca, através dos testes de Austrad e Balke. "Através desse curso — opinou Tereza Maria Batista Gomes — pode-se fazer agora um treinamento — diferentemente do que ocorria antes, dentro de uma técnica generalizadora — levando-se em conta a capacidade físico-individual de cada atleta, abrindo, assim, por meio da diversificação das técnicas utilizadas, novas perspectivas para o esporte de maneira geral".

EQUIPES

O curso foi ministrado pelos professores Eduardo Henrique de Rose (coordenador), Amílcar Lampert, Ricardo Petersen, Antônio Guimarães e Clovis Aragão de Oliveira.

Participaram os seguintes alunos:

- Tereza Maria Batista Gomes;
- Celia Maria Costa Pinto;
- Marileide dos Santos Carneiro;
- Tereza Luiza de França;
- Eva Maria dos Santos;
- Marlene de Amorim Rocha;
- Maria Izabel de Albuquerque Silva;
- Gizelda Pereira de Souza Machado;
- José Jacinto da Silva Filho;
- Maria Miriam de Andrade Galindo;
- Marta Ângela Paiva de Oliveira;
- Ednaldo Severino da Silva;
- Solonete Maria Cavalcante de Menezes;
- Irineu Monteiro de Melo;
- Maria de Lourdes Bezerra Freire;
- Sergio Giansante;
- Marco Aurelio Costa Lima Rezende;
- Maria Geraldina da Silva;
- José Coelho;
- Silvana Uchôa;
- Cyrene Martha da Silva Peixoto;
- Norma Maria C. Borges;
- Isaac Miguel do Nascimento;
- Jomar Ferreira Netto;
- Zildo da Cunha Andrade.

Progresso condiciona vida sedentária ao homem atual



O prof. Eduardo sustenta que o progresso em alguns aspectos, é prejudicial à saúde do homem.

O professor Eduardo de Rose, presidente da Federação Brasileira de Medicina Desportiva, que esteve aqui ministrando o curso para auxiliar de pesquisas em Educação Física e Desportos, no Laboratório de Fisiologia do Esforço, disse que, "à medida que o progresso trouxe para o homem meios para substituir por máquinas o trabalho físico, a humanidade foi sendo levada a um processo de sedentarismo que influi grandemente em seu estado de saúde".

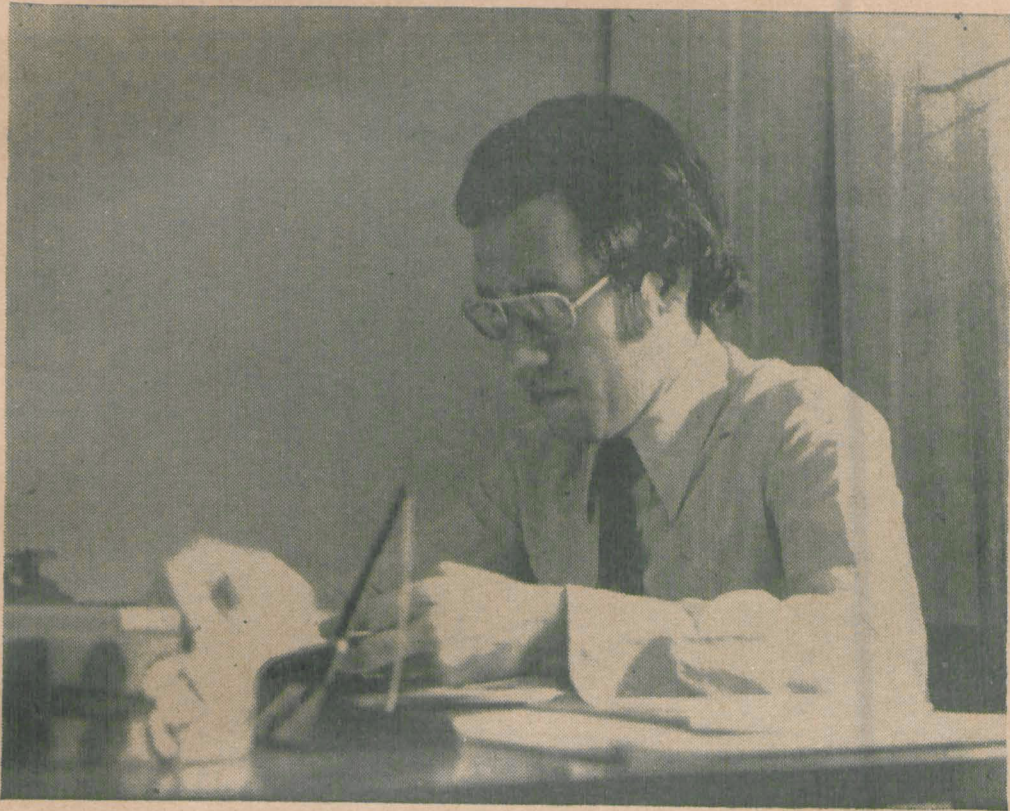
— Nosso organismo — replicou — foi planejado para executar trabalho e a ausência deste estímulo afeta profundamente nosso sistema circulatório, trazendo como consequência uma série de doenças degenerativas. A principal é o enfarte do miocárdio.

Referindo-se, especificamente ao nosso País, salientou que "o brasileiro das grandes cidades não se afasta deste quadro geral, e verificamos, nos últimos anos, um aumento da incidência de coronariopatias, especialmente quando se somam à inatividade fa-

tores como tensão emocional, fumo, obesidade e hereditariedade".

Observou, porém, que "a Medicina do Esporte conta com todos os meios preventivos para romper este ciclo vicioso, através de uma avaliação ergométrica da condição física, de uma avaliação eletrocardiográfica de esforço da circulação coronariana e de uma prescrição de exercícios individuais que corrigirá o sedentarismo, elevará a aptidão ao trabalho, diminuirá a obesidade e influirá até mesmo na tensão emocional e no fumo, praticamente cortando assim todos os fatores predisponentes das coronariopatias.

O atual curso de treinamento em monitoria de equipamentos de laboratórios de fisiologia aplicado ao esporte e à educação física, ministrado na Universidade Federal de Pernambuco, permitirá, juntamente com os equipamentos cedidos ao Curso de Educação Física, pelo DED/MEC, através da Federação Brasileira de Medicina Desportiva, que este "know how" seja executado no Recife e que não só a área de esportes, mas também a área de exercício físico para sedentários, possa ser perfeitamente orientada.



Rodrigues: a poesia não morrerá com a tecnologia

Ele nasceu em Coimbra, onde presumivelmente teria nascido Camões, mas vive no Brasil desde 1951. Recentemente requereu os benefícios decorrentes do acordo Brasil-Portugal sobre nacionalidade, o que lhe possibilita gozar dos direitos civis e políticos comuns a qualquer brasileiro nato, embora o acordo faça algumas ressalvas (não pode, por exemplo, ocupar altos cargos políticos, mas é bom que se diga que ele jamais pensou em tão destacadas honrarias). Tais ressalvas, porém, não comportam nenhuma cláusula que impeça de escrever poesia.

Conservando nitidamente o sotaque da gente de sua pátria, que ele visitou, pela última vez, em 1972, depois de sua vinda para o Brasil, José Rodrigues de Paiva já publicou dois livros, sendo um de prosa de ficção — **Três Noites no Sobrado** — e o outro de poesia — **O Círculo do Tempo**, um título que, por si só basta para justificar algumas das preocupações filosóficas claramente refletidas na sua produção, que inclui, ainda, um ensaio sobre o escritor francês Albert Camus —, mas a Imprensa Universitária da UFPE, responsável pela publicação dos livros acima citados, editará outro livro de poemas do jovem autor: **Memórias do Navegante**.

A poesia da essência humana

Recusando toda e qualquer insinuação de que a poesia é uma tendência literária inútil, e portanto prestes a desaparecer, ele reage imediatamente: "A poesia não morreu nem morrerá jamais. A sociedade materialista e tecnológica não a conseguirá matar, porque ela faz parte da própria essência humana". Mesmo assim, ele não consegue determinar com precisão as razões que o impeçam a escrever: "Faço-o por uma necessidade íntima; se não o fizesse, seria igual à perda de um pedaço de mim mesmo".

Enfim, acredita ele, não é justo afirmar que a literatura morreu, ou a poesia em particular, quando, no mundo inteiro, milhares de livros são editados e lidos por milhões de leitores. Além do mais, como justificar a dedicação e a persistência de tantos poetas das novas e passadas

gerações, que lutam com as palavras no silêncio dos gabinetes, tendo por testemunha apenas a mudez dos livros, varando insones madrugadas, anos a fio, depois da batalha das oito horas cotidianas para prover as necessidades materiais, quando poderiam fazer como tantos outros — principalmente os jovens que desbaratam suas noites de bar, de **boite** em **boite**, numa dispersão que não leva a nada?

Nostalgia do invisível

O seu primeiro livro de poemas — em sua maior parte uma meditação sobre o tempo — deixa entrever uma certa influência de T. S. Eliot. Ele está mais ou menos de acordo: "Pessoalmente não nego influências recebidas, mesmo porque não seria eu a única exceção à regra". Não sabe, porém, em que exato momento recebeu influências desse ou daquele poeta, pois, no seu caso particular, estas influências são sempre inconscientes. Conscientes, afirma ele, foram as referências, alusões e transcrições de versos — nas **Memórias do Navegante** — de poetas como Fernando Pessoa, Jorge de Lima, Dante, Camões e Carlos Drummond de Andrade, tudo isso como resultado de um plano previamente traçado.

"Reinventar, reconstruir um mundo ao mesmo tempo real e inventado, feito de verdade e fantasia, de tempo passado e tempo presente, de transitório e de eternidade e que tentei e continuo tentando fixar como uma ilha sobre as águas agitadas da vasto mar da vida" é, em suma, o apa-

nhado impressionista das suas **Memórias**. Para José Rodrigues, aquilo que parece ser a tônica deste seu livro — a saudade — seria mais exatamente uma espécie de nostalgia da distância, do invisível.

Receptividade

Quanto à penetração da literatura brasileira em Portugal ele assegura que, malgrado o diminuto acesso dos leitores brasileiros à atual literatura portuguesa, nossos escritores são bastante lidos e admirados pelos leitores portugueses. "Portugal conhece melhor a literatura brasileira do que nós conhecemos a portuguesa", afirma ele, emprestando à frase um tom meio desalentador. João Cabral de Melo Neto, por exemplo, é um dos poetas brasileiros mais lidos em Portugal, tendo, inclusive, exercido uma vasta e importante influência sobre alguns poetas da novíssima geração de escritores portugueses. "Acho que isto é suficiente para demonstrar o valor que não só o leitor mas também o autor português atribui ao escritor brasileiro", acrescenta José Rodrigues.

Quem não comunica ...

Finalizando, afirma que a inexistência de uma crítica jornalística que funcione como fonte de informações, ou mesmo de caráter mais profundo, de nível universitário, contribui, mais que qualquer outro fator, para o desconhecimento das manifestações literárias portuguesas mais atuais, desde que as do passado (Camões, Gil Vicente, Eça de Queiroz, dentre outros) já fazem parte do mundo mental do leitor brasileiro.

Vaquejada sai da caatinga para o asfalto

De origem européia, a vaquejada é praticada no Brasil, principalmente no Nordeste, como um espetáculo de grande aceitação popular, no qual o vaqueiro faz demonstração de sua valentia e habilidade no trato com o gado. Lamentavelmente, esse tipo de festa que faz parte do nosso folclore, começa a deixar a fazenda para ser incluída nos calendários das empresas de turismo, simplesmente como promoções periódicas nos Parques Oficiais de Exposições.



Sobrevivência européia, a vaquejada apresenta correlação com outros espetáculos congêneres, como a tourada espanhola e a portuguesa, aparentando-se mais a esta última, na qual o boi não morre como nas arenas da Espanha. No Brasil encontrou continuidade no Nordeste, onde um dos principais elementos de subsistência, ao lado da agricultura, é a pecuária, que no sertão se constitui na principal fonte de renda. Nesse cenário árido do sertão, onde a natureza da terra e do homem também se assemelha à natureza da terra e do homem espanhol, veio se desenvolver essa forma de luta entre o homem e a força da terra, no caso representada pelo touro. De caráter muito mais épico que de simples folguedo, a vaquejada revela, em todos os seus aspectos, a força, a coragem, a nobreza e o gesto cavaleiro-cavaliresco do homem nordestino, principalmente o sertanejo. Deve ser notado que, na vaquejada, existem elementos que não a distanciam muito da cavallhada, tal como ocorre na tourada em sua dupla modalidade: a espanhola e a portuguesa. Assim como na tourada há um desfile inicial dos toureiros e do seu séquito, ao qual não faltam os instigadores do touro, também na vaquejada o **vaqueiro** é **cavaleiro**, pois sua luta com o touro se trava com o vaqueiro montado a cavalo.

EVOLUÇÃO DA VAQUEJADA

Na vaquejada antiga a derruba do boi podia ser feita tão logo este saísse do **jiqui** — cercado de varas que continua o curral onde estão presas as "reses" da derruba, o qual dá passagem a apenas um boi de cada vez — ali mesmo ao pé do mourão, ou porteira do **jiqui**, que dá para o campo onde corre o boi. Na vaquejada moderna existe um espaço pré-estabelecido para o boi ser derrubado e o vaqueiro vencedor não é mais, como na antiga, aquele que consegue derrubar o boi mais perto do mourão. Atualmente, o campo de corrida do boi é dividido em espaços onde devem ser cumpridas regras para a derruba. O primeiro limite de espaço é aquele em que o vaqueiro dispõe de tempo para acercar-se da res e segurá-lo pelo rabo. No segundo limite deverá preparar-se para derrubá-lo mantendo-se a prumo no cavalo e segurando o boi pela cauda da melhor maneira.

O terceiro espaço é aquele onde o vaqueiro pode derrubar o boi. Nesta modali-

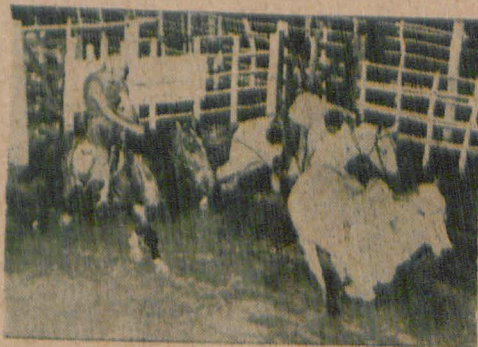
dade nova de vaquejada a contagem de pontos é feita levando em conta o valor de cada res, que vale mais pontos quanto maior for o seu porte e quanto melhor for de carreira. É considerada também a distância do mourão em que o boi foi derrubado, podendo, de acordo com esta, o derrubador ganhar ou perder pontos.

GRANDE VAQUEJADA DO RECIFE

O Parque de Exposição de Animais Antonio Coelho viu realizada, em seu âmbito, de 13 a 15 de dezembro próximo passado, a sua primeira vaquejada sob a promoção dos técnicos do Departamento de Produção Animal. Segundo o Dr. José Leal, veterinário chefe da Divisão Administrativa do Departamento de Produção Animal, essa vaquejada apresentou uma modalidade um pouco diferente das normais, pois houve limite de inscrição para dar oportunidade a maior número de derrubas. Dr. José Leal é expert no assunto, pois em sua terra natal — Sertânia — já realizou várias vaquejadas. Para esta vaquejada estabeleceram um limite de 60 pares — o par é formado pelo derrubador e o vaqueiro que faz a esteira, ou seja, aquele que ajuda a segurar o boi — mas só se inscreveram 40. O preço de cada inscrição foi de um mil cruzeiros. A principal dificuldade para realização foi o não terem conseguido o gado emprestado gratuitamente, sendo necessário alugá-lo por trinta e seis mil cruzeiros. Não obstante, foi grande a influência de pessoas, o que deu para cobrir todos os gastos e garantir algum lucro além de permitir ao recifense ver um espetáculo profundamente enraizado nas tradições mais legítimas do nordeste.

DAS FAZENDAS PARA A CIDADE

Trazida das fazendas, onde se realizava como a mais brilhante das competições, hoje a vaquejada subsiste apenas nos Parques de Exposições, como a que se realizou recentemente no Parque Antonio Coelho, no Recife. Muito do seu espírito vem-se desgastando, como o caráter épico com que se vestia, mas muito da alma sertaneja ainda se mantém nesta luta entre o homem e o boi, que é a própria luta das duas forças: homem e natureza. Tem-se de ver nesta corrida, quase simbólica, o que era a carreira do vaqueiro dentro da caatinga cerrada, e sonhar que a força que o movia ainda se mantinha viva no espírito da raça.



Enciclopédia cinematográfica

Das cinco enciclopédias cinematográficas existentes no mundo — Estados Unidos, Japão, Austrália e Holanda — a quinta está no Brasil, sendo doada para a Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo. O centro criador é o Instituto do Filme Científico de Göttingen, na Alemanha, e de lá saem esses verbetes sobre cinema que não se limitam a compilar mas também levantam conhecimentos novos a partir de pesquisa inventiva no setor.

Organizada para erguer dados da realidade específica, resulta de seleções rigorosas de uma comissão de "experts" que se reúnem naquela cidade alemã. Considerada a única enciclopédia realmente completa no gênero, seus critérios de avaliação são aplicados por técnicos e estudiosos do mundo inteiro. As equipes do Instituto de Göttingen percorrem diversos países, a fim de proceder levantamento de informações e filmes.

Com mais de 2.000 verbetes nas áreas de Biologia, Etnologia, e Tecnologia, a enciclopédia é, de hábito, elemento para ilustração de aulas ou conferências. O Instituto empresta igualmente filmes — seu acervo está, no momento, na casa de 1.023 — mas somente doa a codificação enciclopédica após entendimentos demorados. A doação à U.S.P. somente se efetivou depois de longos contatos iniciados em 1961 pelo professor Egon Shaden e dirigentes do Museu Paulista, de que participaram interessados afinal preteridos, como a Universidade do Rio de Janeiro, a Central de Caracas e a de Buenos Aires. Inclusive, por força de problemas de natureza burocrática, a doação obrigou a efetivação de alterações no acordo de cooperação econômica Brasil-Alemanha, que não previa iniciativas dessa espécie.

Um grupo composto pelos professores Alfredo Hamar, José Ferreira Carrato e Egon Shaden foi encarregado, pela U.S.P., de coordenar a enciclopédia agora doada, desde que o Instituto doador exige vários compromissos como consequência do privilégio: a implantação de instalações próprias para arquivo dos filmes. A co-produção de novos verbetes de inspiração científica. A formulação de sistema especial de empréstimo a outra Universidade e colegiados latino-americanos, a fim de que a enciclopédia circule.



Escola de conversação

A linguagem, como "o mais importante instrumento de ação social", vem sendo ensinada de um modo inédito às crianças de Rosenheim (República Federal da Alemanha).

Na primeira "Escola de Língua" é demonstrado aos alunos como, sem complexos de qualquer espécie, se podem transmitir informações, inventar palavras jocosas, ou até mesmo contar de improviso histórias fantásticas.

Jovens dos 10 aos 12 anos reúnem-se, semanalmente, na **Escola de Conversação de Rosenheim**, uma agremiação organizada por particulares, com a finalidade de praticar o discurso livre.

A análise dos resultados dos cursos — até agora frequentado por 400 crianças — demonstra que o aproveitamento escolar aumenta notoriamente logo que os alunos aprendem a expressar-se livremente. Hans Ziegler, especialista em Germânicas, e o poeta Uwe Dick, iniciadores deste modelo de ensino da língua, são da opinião que em diversos países da Europa os meios de informação e comunicação, bem como a **literatura dos quadrinhos** são responsáveis pela decadência da cultura das letras, e que esta cultura só é recuperável através da intensificação da comunicação verbal. A nova **Escola de Conversação** é uma tentativa neste sentido.

A bisbilhotice fortalece a personalidade

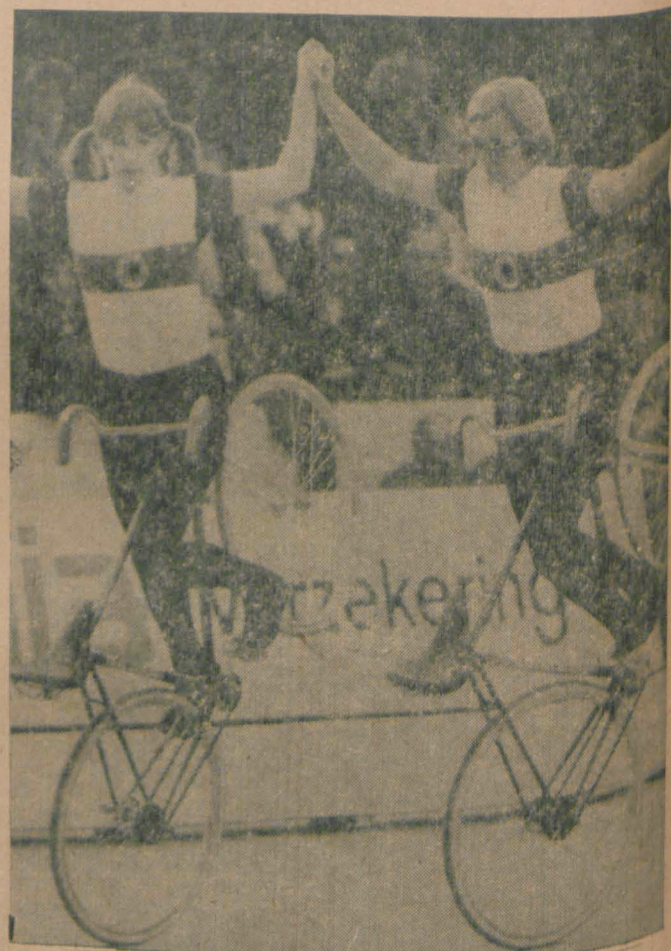
O psicólogo Ulrich Diekmeyer, de Munique, afirma que se o silêncio é de ouro a bisbilhotice é de diamantes. A esta conclusão surpreendente chegou após um estudo aprofundado do vício da "fofoca". Um bate-papo com um vizinho ou com um colega de trabalho é tão necessário para cada um de nós como a comida e a bebida diárias.

No parecer do psicólogo, a conversa sobre terceiros favorece o bem estar geral, porque os bisbilhoteiros agem na esfera social.

Ao contrário da maioria dos seus concidadãos silenciosos, eles praticam uma troca de impressões intensa — se bem que a custa dos outros, como Diekmeyer faz notar. Apesar disto, só muito raramente são inventadas intrigas melévolas. Na opinião do especialista em "fofoca", a maioria das conversas conduzem a juízos equilibrados e sucede até que as bisbilhotices sobre autoridades ou chefes dão origem a um sentimento de solidariedade, que alivia os que nelas participam. Conclusão final do estudo de Diekmeyer: a bisbilhotice fortalece a personalidade.

Bonn (INB). Boas condições físicas não são uma questão de idade. Isso se mostrou há pouco, de novo, numa corrida popular e marcha, na República Federal da Alemanha, em que muitas pessoas tomaram parte. Em Bonn se encontraram cerca de 800 corredores de todas as idades e ambos os sexos. Como em todas as competições desse gênero, o corredor podia escolher entre o trajeto de corridas e a caminhada entre 10 e 42,2 quilômetros (maratonas). Também o vestuário esportivo não foi prescrito de forma alguma. Única condição para esse encontro esportivo: quem quiser levar uma medalha de prata para casa, precisa percorrer seu trajeto em tempo determinado.

Ciclismo Artístico



Em Francforte no Meno, a Alemanha mantém o 1.º lugar em ciclismo artístico. Nos campeonatos mundial e europeus realizados há pouco, em Heerlen, na Holanda, a equipe da República Federal da Alemanha conquistou 3 medalhas de ouro, 5 de prata e uma de bronze. Helga Liebenow e Annette Rögges, que aparecem na foto, de Hainstadt, perto de Francforte no Meno, foram de novo vencedoras. Desta forma, ganharam pela 4.ª vez, pela sua atuação emparelha, o título de campeãs européias, em 7 anos de carreira. Para esta disciplina ainda não existem campeonatos mundiais. O título de campeão em solo e em parelha, para homens, coube também à República Federal da Alemanha.

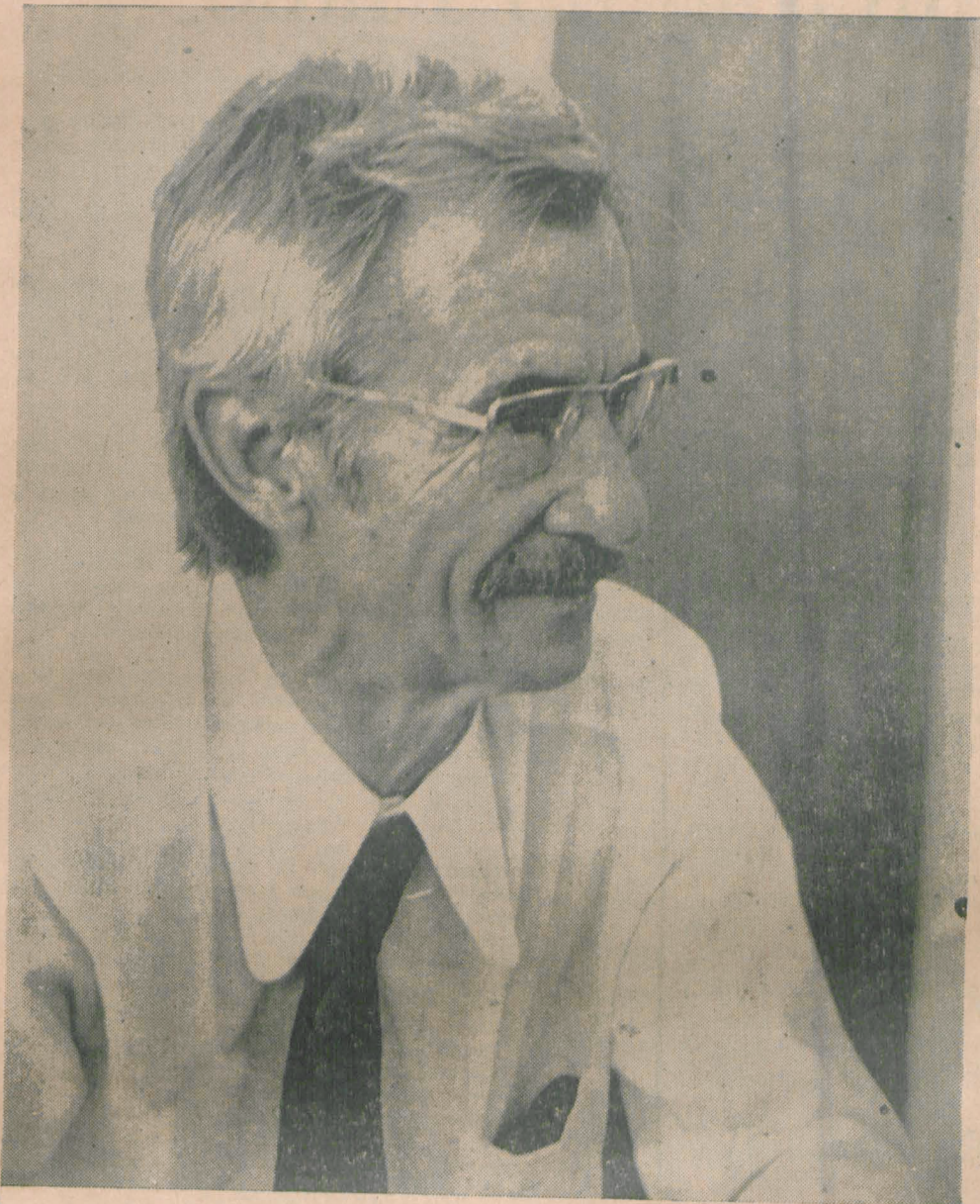
Velejar em seco



Hamburgo, como o maior porto da República Federal da Alemanha, é também a cidade dos velejadores: no entanto, ainda não é permitido o trânsito de iates nas ruas. A jovem que aparece na foto demonstra apenas, no pátio da Exposição, o mais moderno veleiro de praia à mostra na Exposição Internacional de barcos alemães realizada em Hamburgo. Este veleiro, fabricado em série, é construído de poliéster, com uma carcaça de aço inoxidável e rola sobre 3 rodas de borracha. A vela do modelo Nordland mede 3,3 metros quadrados e com vento favorável atinge cerca de 70 quilômetros por hora. Seu custo é de 2.110 marcos e é uma das novidades mais apreciadas da exposição, o que se explica pelo fato de velejar na praia ser um desporto que conta cada vez maior número de entusiastas, e não só na Alemanha. Cerca de 150.000 visitantes vindos de 42 nações estiveram presentes na Exposição de Hamburgo, onde foram expostos barcos, iates, equipamento e acessórios.

Diretor de Letras quer pós-graduação

Dentro da programação traçada pela direção do Instituto de Letras da UFPE, para o presente ano, principalmente na área extracurricular, figura a realização de um Seminário de Literatura Brasileira, que terá a participação de especialistas de várias instituições de ensino e pesquisa.



O professor Manuel Maria, diretor do Instituto de Letras, declarou que uma das metas prioritárias a ser atingida, este ano, é a implantação definitiva dos cursos pós-graduados, iniciativa para a qual espera contar com o apoio da Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação.

A Associação de Estudos Portugueses Jordão Emerenciano, que vem desenvolvendo intensas atividades culturais, no âmbito daquele Instituto, promoverá mais um Seminário de Verão, no 2.º semestre.

Ainda para o ano de 1975, possivelmente no segundo semestre, está prevista a IX Reunião Nacional do Projeto NURC (Projeto da Norma Urbana Culta), com a participação da equipe local.

Ainda no segundo semestre está programada a vinda dos professores Paulino Van Drensen, especialista em

Sociologia da Linguagem, e Geraldo Tomaco, da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, especialista em Psicologia da Linguagem. Esses mestres possuem alta qualificação e sua presença no Instituto de Letras constitui, portanto, garantia de elevado nível científico e técnico das atividades do Departamento, no âmbito dos estudos literários e lingüísticos.

O professor César Leal, titular de Teoria da Literatura, recebeu, pela terceira vez, convite para participar do XVII Congresso Internacional de Literatura Iberoamericana, a realizar-se entre os dias 24 e 29 de agosto, na Universidade da Pennsylvania, EUA. Trata-se de uma reunião muito importante, com mais de dois mil delegados do mundo inteiro, e cujo temário inclui, além do **Surrealismo**, debates sobre a literatura brasileira do século XX.

Obstetrícia supera dificuldades

A escassa bibliografia das Ciências Médicas no Brasil tem sido uma das principais dificuldades encontradas pelos estudiosos do assunto. Daí por **que muitos são obrigados a** comprar livros caríssimos. O problema vem causando transtornos para os mais pobres. Os mais eminentes professores brasileiros têm se preocupado com o assunto. Muitos esforços têm sido feitos para superá-lo. Compêndios, com muitas dificuldades, são organizados. Alguns livros estrangeiros mais importantes são

traduzidos. Tratados e congressos elaborados.

Numa tentativa de superar o problema — pelo menos no seu campo de especialidade — o professor Jorge de Rezende, titular de Obstetrícia da Faculdade de Medicina da Universidade Federal do Rio de Janeiro, organizou um compêndio de Obstetrícia, com a colaboração de eminentes professores e especialistas de várias regiões brasileiras. Entre os seus colaboradores, encontra-se o professor Martiniano Fernandes, titular de Obstetrícia da

Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Pernambuco, que aborda "Tocotraumatismos Maternos".

O livro, publicado pela Editora Guanabara Koogan S.A., do Rio de Janeiro, já alcançou a sua terceira edição "inteiramente revista, muitos capítulos reescritos, alguns novos, grande número refundido, todos atualizados", conforme salienta o professor Jorge de Rezende, no prefácio.

Sublinha o autor que "o livro mantém a mesma

ambiciosa destinação de suas outras edições, e pretende ser mais que manual, sem os atrevimentos do tratado. Não pode ser duvidado que o leitor nele encontrará doutrina correta, inspirada em boas fontes e sancionada pela experiência. Para numerosas questões houve mister a brevidade da narração".

O livro pode ser dividido em duas partes: a 1.ª — mais longa e que ocupa 1.090 páginas — aborda a parte essencialmente técnica do assunto, e a 2.ª — escrita pelos

professores Jorge de Rezende e Jean Claude Nahoum — trata dos "aspectos médicos-legais da obstetrícia" e ocupa apenas 15 páginas.

ASPECTOS JURIDICOS

No capítulo sobre o "Abortamento provocado", afirma-se que "poucos temas médicos-legais estão mais intimamente vinculados ao ensino e ao exercício da Obstetrícia. E nenhum terá sofrido, nos anos derradeiros, reformas tão basilares, como as levadas a cabo

pelas nações ocidentais, permitindo o abortamento voluntário. Na Inglaterra e nos Estados Unidos, a interrupção da gravidez pode ser hoje legalmente consumada, no primeiro trimestre, por motivos irrelevantes. A legislação brasileira está obsoleta, concordam os competentes, mas a recente reforma do Código Penal mantém as prescrições anteriormente vigentes, e desobedecidas todos os dias, com a prática do abortamento provocado, livremente consentida, a despeito de criminosa".

Prof. Barbalho lembra o estudo do meio ambiente

Quando se fala em geração nuclear, uma das primeiras medidas a ser tomada é o estudo do meio ambiente e a **Calvert Cliffs Nuclear Power Plant**, que será operada pela **Baltimore Gas and Electric**, fez e continua fazendo estudos na área onde está construída, quer no meio líquido quer no meio gasoso, para que a vida vegetal e animal em ambos não sofra qualquer prejuízo.

A observação é do professor e economista Edison Rodrigues Barbalho, da Escola de Administração da Universidade Federal de Pernambuco, com experiência de aproximadamente vinte anos no setor de energia do antigo Departamento de Água e Ener-

gia (DAE), e atualmente servindo à Companhia de Eletricidade de Pernambuco (CELPE).

A convite do Governo norte-americano, através da USAID, ele foi aos Estados Unidos, com a finalidade de participar de curso de Gestão, Administração e Financiamento de Empresas de Energia Elétrica, de onde acaba de regressar. Este curso teve a duração de três meses, sendo ministrado em nada menos de nove Estados daquele país. Dele participaram doze técnicos brasileiros de alto gabarito no setor energético, além de técnicos da Europa, Ásia, África, América do Sul e Central. Os Estados percorridos foram Wisconsin,

Texas, Tennessee, Michigan, Arkansas, Pennsylvania, Maryland, Ohio e Washington, este último funcionando como base residencial dos técnicos brasileiros.

O curso constou de duas partes, sendo uma teórica e outra prática, como é de praxe em todo e qualquer curso ministrado nos Estados Unidos. Funcionando como troca de informações no campo da gestão e administração de empresas produtoras e distribuidoras de energia elétrica, a parte teórica do curso desenvolveu-se sobretudo em seminários, nos diversos Estados acima mencionados, destacando-se o Tennessee Valley Authorization, a REA, a NRECA, e o Departamento da Agricultura dos Estados Unidos, em Washington.

Os temas variaram desde a direção, gestão administrativa, financeira e técnica propriamente dita, a manutenção de sistemas tradicionais de produção e distribuição de energia,

até os meios sofisticados, como energia nuclear, solar, energia dos geisers e o "Stag", combinação de gás natural e turbina, ligado a um único gerador, com a finalidade de otimizar rendimento e custo total mecânico e térmico.

Nos Estados Unidos o professor Edison Rodrigues visitou e dialogou com técnicos e dirigentes de **DUQUESNE LIGHT**, empresa que serve energia elétrica à cidade de Pittsburgh, com uma população estimada em dois milhões e quinhentos mil habitantes, centro siderúrgico mundialmente conhecido.

Na opinião do professor Edison, a **DUQUESNE** é um dos melhores modelos de empresa geradora e distribuidora de energia. "No momento, a empresa está construindo uma nova usina nuclear, junto à já existente, para fazer face à sua crescente demanda", concluiu.

UFPE inicia implantação do Plano

Com autorização do Conselho Universitário, o Reitor baixou portarias implantando, inicialmente, os Centros de Ciências Exatas e da Natureza, Ciências Biológicas e o de Filosofia e Ciências Humanas, de acordo com as diretrizes do Plano de Reestruturação da UFPE, permitido pelo Decreto 73.081 de 05.11.73.

A implantação do Plano dar-se-á de forma progressiva, à medida que a Universidade consiga os recursos, materiais e humanos, para cada área de conhecimento. Cada Centro absorverá Unidades e órgãos que vinham funcionando isoladamente dentro de um mesmo ciclo de conhecimento.

O conteúdo das portarias criando os três primeiros Centros:

PORTARIA NORMATIVA Nº 42, DE 27 DE DEZEMBRO DE 1974.

Determina a instalação do Centro de Ciências Exatas e da Natureza e dá outras providências.

O Reitor da Universidade Federal de Pernambuco, no uso das atribuições que lhe são conferidas pelo Art. 46, itens I e XXIII, do Estatuto,

Considerando que o Plano de Reestruturação desta Universidade, aprovado pelo Decreto nº 73.081, de 05.11.73, definiu entre as unidades do sistema comum de ensino e pesquisa básicos o Centro de Ciências Exatas e da Natureza;

Considerando que, de acordo com o Art. 16 do referido Decreto, os Centros serão instalados gradativamente e constituídos através da assimilação ou fusão de atuais unidades e órgãos nas respectivas áreas de conhecimento;

Considerando que o Conselho Universitário, em Resolução nº 9/74, de 20 de dezembro de 1974, autorizou o Reitor baixar Portaria de instalação do Centro de Ciências Exatas e da Natureza e a designar o Diretor e o Vice-Diretor para realizarem a sua implantação,

RESOLVE:

- I — Determinar a instalação do Centro de Ciências Exatas e da Natureza, constituído pela fusão dos Institutos de Física e de Matemática e pelo Departamento de Química da Escola de Química.
- II — A sede do Centro será a do Instituto de Física.
- III — A estrutura departamental do Centro será a seguinte:
 - 1) Departamento de Física;
 - 2) Departamento de Matemática;
 - 3) Departamento de Estatística e Informática;
 - 4) Departamento de Química.
- IV — O Centro de Ciências Exatas e da Natureza reger-se-á pelo Regimento aprovado pela Portaria Normativa nº 38/74, de 24.12.74, até que o novo Regimento, elaborado pelo Conselho Departamental, seja aprovado pelo Conselho Universitário.

PORTARIA NORMATIVA Nº 38, DE 24 DE DEZEMBRO DE 1974

Aprova Regimento do Centro de Ciências Exatas e da Natureza.

O Reitor da Universidade Federal de Pernambuco, no uso das atribuições que lhe são conferidas pelo Art. 46, item I, do Estatuto da Universidade, e pela Resolução nº 9/74, de 20.12.74, do Conselho Universitário,

RESOLVE:

- I — aprovar o Regimento do Centro de Ciências Exatas e da Natureza que com este ato é baixado.
- II — O referido Regimento terá vigência até a aprovação, pelo Conselho Universitário, do novo Regimento a ser elaborado pelo Conselho Departamental daquele Centro.
- III — Os casos omissos serão resolvidos pelo Reitor.
- IV — Esta Portaria entra em vigor nesta data, revogadas as disposições em contrário.
- V — O Diretor do Centro designado pelo Reitor para realizar sua implantação tomará posse na Reitoria, sendo lavrada ata respectiva pela Secretaria Geral dos Órgãos Deliberativos Superiores.
- VI — Durante a fase de implantação, os órgãos da Reitoria prestarão ao Diretor designado pelo Reitor todo o apoio necessário ao cumprimento de sua missão.
- VII — O Diretor poderá propor:
 - 1) relocação do pessoal técnico e administrativo, a ser aprovada pelo Reitor com audiência do Departamento de Pessoal;
 - 2) relocação do pessoal docente, a ser aprovada pelo Reitor com audiência do Departamento de Pessoal e do Conselho Coordenador de Ensino, Pesquisa e Extensão.
- VIII — Dentro de 90 (noventa) dias a contar de sua posse, o Diretor do Centro para realizar a implantação apresentará ao Reitor relatório final de seus trabalhos.
- IX — Esta Portaria entra em vigor nesta data.
- X — Revogam-se as disposições em contrário.

PORTARIA DE PESSOAL Nº 811, DE 27 DE DEZEMBRO DE 1974

Designa o Diretor e o Vice-Diretor do Centro de Filosofia e Ciências Humanas.

O Reitor da Universidade Federal de Pernambuco, no uso das atribuições que lhe são conferidas pelo Art. 46, itens I e XXIII, do Estatuto,

Considerando que o Conselho Universitário, em Resolução nº 7/74, de 20 de dezembro de 1974, autorizou o Reitor a designar o Diretor e o Vice-Diretor do Centro de Filosofia e Ciências Humanas para realizarem sua implantação;

Considerando que a Portaria Normativa nº 43, de 27 de dezembro de 1974, determinou a implantação do referido Centro conforme prescreve o Plano de Reestruturação da Universidade aprovado pelo Decreto nº 73.081, de 05.11.73 e a já referida Resolução do Conselho Universitário,

RESOLVE:

- I — designar, para realizarem a implantação do Centro de Filosofia e Ciências Humanas, como Diretor e Vice-Diretor, respectivamente, os professores Geraldo Lafayette Bezerra e Nelson Nogueira Saldanha.
- II — Esta Portaria entra em vigor nesta data, revogadas as disposições em contrário.

PORTARIA DE PESSOAL Nº 813, DE 27 DE DEZEMBRO DE 1974

Designa o Diretor e o Vice-Diretor do Centro de Ciências Exatas e da Natureza.

O Reitor da Universidade Federal de Pernambuco, no uso das atribuições que lhe são conferidas pelo Art. 46, itens I e XXIII, do Estatuto,

Considerando que o Conselho Universitário, em Resolução nº 9/74, de 20 de dezembro de 1974, autorizou o Reitor a designar o Diretor e o Vice-Diretor do Centro de Ciências Exatas e da Natureza para realizarem sua implantação;

Considerando que a Portaria Normativa nº 42, de 27 de dezembro de 1974, determinou a implantação do referido Centro, conforme prescreve o Plano de Reestruturação da Universidade aprovado pelo Decreto nº 73.081, de 05.11.73, e a já referida Resolução do Conselho Universitário,

RESOLVE:

- I — Designar, para realizarem a implantação do Centro de Ciências Exatas e da Natureza, como Diretor e Vice-Diretor, respectivamente, os professores José de Medeiros Machado e Rivaldo Alves Correia.
- II — Esta Portaria entra em vigor nesta data, revogadas as disposições em contrário.

PORTARIA NORMATIVA Nº 43 DE 27 DE DEZEMBRO DE 1974

Determina a instalação do Centro de Filosofia e Ciências Humanas e dá outras providências.

O Reitor da Universidade Federal de Pernambuco, no uso das atribuições que lhe são conferidas pelo Art. 46, itens I e XXIII do Estatuto,

Considerando que o Plano de Reestruturação desta Universidade, aprovado pelo Decreto nº 73.081, de 05.11.73, definiu entre as unidades do sistema comum de ensino e pesquisa básicos o Centro de Filosofia e Ciências Humanas;

Considerando que, de acordo com o Art. 16 do referido Decreto, os Centros serão instalados gradativamente e constituídos através da assimilação ou fusão de atuais unidades e órgãos nas respectivas áreas de conhecimento;

Considerando que o Conselho Universitário, em Resolução nº 7/74, de 20 de dezembro de 1974, autorizou o Reitor a baixar Portaria de instalação do Centro de Filosofia e Ciências Humanas e a designar o Diretor e o Vice-Diretor para realizarem a sua implantação,

RESOLVE:

- I — Determinar a instalação do Centro de Filosofia e Ciências Humanas, constituído pela fusão do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas e do Departamento de Ciências Geográficas do Instituto de Geociências;
- II — A sede do Centro será a do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas;
- III — A estrutura departamental do Centro será a seguinte:
 - 1) Departamento de Filosofia;
 - 2) Departamento de História;
 - 3) Departamento de Ciências Sociais;
 - 4) Departamento de Psicologia;
 - 5) Departamento de Ciências Geográficas.
- IV — O Centro de Filosofia e Ciências Humanas reger-se-á pelo Regimento aprovado pela Portaria Normativa nº 39/74, de 24.12.74, até que o novo Regimento, elaborado pelo Conselho Departamental, seja aprovado pelo Conselho Universitário.
- V — O Diretor do Centro designado pelo Reitor para realizar sua implantação tomará posse na Reitoria, sendo lavrada ata respectiva pela Secretaria Geral dos Órgãos Deliberativos Superiores.
- VI — Durante a fase de implantação, os órgãos da Reitoria prestarão ao Diretor designado pelo Reitor todo o apoio necessário ao cumprimento de sua missão.
- VII — O Diretor poderá propor:
 - 1) relocação do pessoal técnico e administrativo, a ser aprovada pelo Reitor com audiência do Departamento de Pessoal;
 - 2) relocação do pessoal docente, a ser aprovada pelo Reitor com audiência do Departamento de Pessoal e do Conselho Coordenador de Ensino, Pesquisa e Extensão.
- VIII — Dentro de 90 (noventa) dias a contar de sua posse, o Diretor do Centro para realizar a implantação apresentará ao Reitor relatório final de seus trabalhos.
- IX — Esta Portaria entra em vigor nesta data.
- X — Revogam-se as disposições em contrário.

PORTARIA NORMATIVA Nº 39, DE 24 DE DEZEMBRO DE 1974

Aprova Regimento do Centro de Filosofia e Ciências Humanas.

O Reitor da Universidade Federal de Pernambuco, no uso das atribuições que lhe são conferidas pelo Art. 46, item I, do Estatuto da Universidade, e pela Resolução nº 7/74, do Conselho Universitário,

RESOLVE:

- I — Aprovar o Regimento do Centro de Filosofia e Ciências Humanas que com este ato é baixado.
- II — O referido Regimento terá vigência até a aprovação, pelo Conselho Universitário, do novo

Regimento a ser elaborado pelo Conselho Departamental daquele Centro.

- III — Os casos omissos serão resolvidos pelo Reitor.
- IV — Esta Portaria entra em vigor nesta data, revogadas as disposições em contrário.

PORTARIA NORMATIVA Nº 41 DE 27 DE DEZEMBRO DE 1974

Determina a instalação do Centro de Ciências Biológicas e dá outras providências.

O Reitor da Universidade Federal de Pernambuco, no uso das atribuições que lhe são conferidas pelo Art. 46, itens I e XXIII do Estatuto,

Considerando que o Plano de Reestruturação desta Universidade, aprovado pelo Decreto nº 73.081, de 05.11.73, definiu entre as unidades do sistema comum de ensino e pesquisa básicos o Centro de Ciências Biológicas

Considerando que, de acordo com o Art. 16 do referido Decreto, os Centros serão instalados gradativamente e constituídos através da assimilação ou fusão de atuais unidades e órgãos nas respectivas áreas de conhecimento;

Considerando que o Conselho Universitário, em Resolução nº 8/74, de 20 de dezembro de 1974, autorizou o Reitor a baixar Portaria de instalação do Centro de Ciências Biológicas e a designar o Diretor e o Vice-Diretor para realizarem a sua implantação.

RESOLVE:

- I — Determinar a instalação do Centro de Ciências Biológicas, constituído pela fusão dos Institutos de Micologia e de Biociências.
- II — A sede do Centro será a do Instituto de Micologia.
- III — A estrutura departamental do Centro será a seguinte:
 - 1) Departamento de Morfologia;
 - 2) Departamento de Bioquímica e Biofísica;
 - 3) Departamento de Bionômica;
 - 4) Departamento de Biologia Geral;
 - 5) Departamento de Micologia;
 - 6) Departamento de Biologia Especial.
- IV — O Centro de Ciências Biológicas reger-se-á pelo Regimento aprovado pela Portaria Normativa nº 40/74, de 24.12.74, até que o novo Regimento, elaborado pelo Conselho Departamental, seja aprovado pelo Conselho Universitário.
- V — O Diretor do Centro designado pelo Reitor para realizar sua implantação tomará posse na Reitoria, sendo lavrada ata respectiva pela Secretaria Geral dos Órgãos Deliberativos Superiores.
- VI — Durante a fase de implantação, os órgãos da Reitoria prestarão ao Diretor designado pelo Reitor todo o apoio necessário ao cumprimento de sua missão.
- VII — O Diretor poderá propor:
 - 1) relocação do pessoal técnico e administrativo, a ser aprovada pelo Reitor com audiência do Departamento de Pessoal;
 - 2) relocação do pessoal docente, a ser aprovada pelo Reitor com audiência do Departamento de Pessoal e do Conselho Coordenador de Ensino, Pesquisa e Extensão.
- VIII — Dentro de 90 (noventa) dias a contar de sua posse, o Diretor do Centro para realizar a implantação apresentará ao Reitor relatório final de seus trabalhos.
- IX — Esta Portaria entra em vigor nesta data.
- X — Revogam-se as disposições em contrário.

PORTARIA NORMATIVA Nº 40, DE 24 DE DEZEMBRO DE 1974

Aprova Regimento do Centro de Ciências Biológicas.

O Reitor da Universidade Federal de Pernambuco, no uso das atribuições que lhe são conferidas pelo Art. 46, item I, do Estatuto da Universidade, e pela Resolução nº 8/74, de 20.12.74, do Conselho Universitário,

RESOLVE:

- I — aprovar o Regimento do Centro de Ciências Biológicas que com este ato é baixado.
- II — O referido Regimento terá vigência até a aprovação, pelo Conselho Universitário, do novo Regimento a ser elaborado pelo Conselho Departamental daquele Centro.
- III — Os casos omissos serão resolvidos pelo Reitor.
- IV — Esta Portaria entra em vigor nesta data, revogadas as disposições em contrário.

PORTARIA DE PESSOAL Nº 812, DE 27 DE DEZEMBRO DE 1974

Designa o Diretor e o Vice-Diretor do Centro de Ciências Biológicas.

O Reitor da Universidade Federal de Pernambuco, no uso das atribuições que lhe são conferidas pelo Art. 46, itens I e XXIII do Estatuto,

Considerando que o Conselho Universitário, em Resolução nº 8/74, de 20 de dezembro de 1974, autorizou o Reitor a designar o Diretor e o Vice-Diretor do Centro de Ciências Biológicas para realizarem sua implantação;

Considerando que a Portaria Normativa nº 41, de 27 de dezembro de 1974, determinou a implantação do referido Centro, conforme prescreve o Plano de Reestruturação da Universidade aprovado pelo Decreto nº 73.081, de 05.11.73 e a já referida Resolução do Conselho Universitário,

RESOLVE:

- I — designar, para realizarem a implantação do Centro de Ciências Biológicas, como Diretor e Vice-Diretor, respectivamente, os professores ERNANI SILVA e ALUISIO BEZERRA COUTINHO.
- II — Esta Portaria entra em vigor nesta data, revogadas as disposições em contrário.

Crutac-Pe ensina rurícola a preservar o meio-ambiente



Prof. Salazar despachando com integrantes da sua equipe de técnicos e estagiários.

Um dos objetivos da participação de biólogos e botânicos no programa do Crutac-Pe, é conscientizar o homem do interior, quanto à importância de preservar as nossas reservas animais e vegetais, de forma a garantir o equilíbrio ecológico indispensável à própria sobrevivência do homem. Assim é que professores e estagiários têm promovido reuniões, seminários e outros meios de comunicação, oferecendo noções ao rurícola para uma fixação racional e bem conduzida, na sua área de atuação.

Ao relatar as principais atividades do órgão de interiorização da UFPE, em 1974, para as autoridades competentes, o diretor do Deptº de Programas Comunitários e Interiorização (órgão ligado à Pró-Reitoria para Assuntos Comunitários, dirigida pelo Prof. Armando Samico) enumerou ao mesmo tempo uma série de pontos considerados importantes para ampliação do programa.

Funcionam atualmente os Núcleos de Joaquim Nabuco, Sairé e Glória de Goitá, afora o programa de pesquisas no Território Federal de Fernando de Noronha. Além do treinamento dos alunos, o programa destina-se a preparar o homem do interior no sentido de aproveitar o seu próprio potencial e as riquezas disponíveis na sua área.

O Crutac-Pe fundamenta sua atuação, contando com o apoio de outros órgãos, como o Cincrutac, FNDE, DAU, PIPMO, LBA, CEME, Funrural, Governo do Território de Fernando de Noronha, prefeituras de municípios do interior, etc.

O prof. Salazar, diretor do Deptº, fez um resumo das atividades em 1974, salientando que, "além dos trabalhos dos estagiários, cada um na sua especialidade, levando ao homem do campo os conhecimentos adquiri-

dos na Universidade, dando-lhe saúde, ensinando-lhe novas técnicas, funcionam Cursos Profissionalizantes, despertando-lhe o amor pelo trabalho, interesse pelo desenvolvimento, fixando-o na região, com uma mão de obra qualificada, passando a ser um elemento útil à sua comunidade.

Passamos filmes educativos e recreativos, graças à gentileza dos Consulados e Instituto Nacional do Cinema.

Inauguramos novas Bibliotecas e melhoramos outras e fizemos as suas inscrições no Instituto Nacional do Livro.

Nessas Bibliotecas os nossos estagiários de Biblioteconomia organizam o seu acervo e ensinam as pessoas da comunidade a catalogar e classificar os livros. Fazemos também levantamento bibliográfico das regiões onde atuamos, e vários livros raros já foram encontrados, fazendo hoje parte do acervo da nossa Biblioteca Central.

Em 1974, ampliamos nossa área de atuação, com mais um núcleo de interiorização em Glória de Goitá, com instalações idênticas as já existentes nos outros Núcleos, a saber:

- 1) Gabinete Dentário com turbina de ar e estufa para esterilização;
- 2) Gabinete de Análise dois microscópios e um colorímetro, que além dos exames comuns, preparam Hemogramas e Dosagem química das substâncias;
- 3) Sala Médica;
- 4) Sala de Enfermagem.

Para esse atendimento, temos preceptores permanentes na área. Contamos, ainda, com aparelhos de fisioterapia: forno de Beer, infravermelho e ultra-violeta. Estagiários de Reabili-

tação e Nutrição fazem estágios atendendo e orientando as comunidades.

Nos municípios de Paudalho e São Lourenço, embora este Departamento não tenha núcleo implantado, já começou o CRUTAC-PE (Divisão Rural Universitária de Treinamento e Ação Comunitária) a atuar com bibliotecários e dentistas, e em convênio com o PIPMO já deu os seguintes Cursos:

- 1) Bombeiro Hidráulico;
- 2) Eletricista Instalador;
- 3) Consertador de Aparelhos Eletro-Domésticos de Refrigeração;
- 4) Pedreiro;
- 5) Estucador;
- 6) Curso de Atendente de Enfermagem no Hospital do município de Paudalho;
- 7) Curso de Atendente de Enfermagem no Hospital de São Lourenço e

Ainda em convênio com o PIPMO e TV-U (Televisão Universitária) e MOBRL, demos cursos de corte e costura e profissionalização doméstica, através de 19 telepostos nos seguintes municípios: Golana, Igarassu, Glória do Goitá, Vitória, Vila Pirituba (Vitória) propriedade Oiteiro (Vitória), Rio Formoso, prédio do Ginásio — Rio Formoso, prédio da Prefeitura-Paudalho, Chã de Capoeira (Paudalho) Carpina, Nazaré, Limoeiro, Surubim, São Lourenço (USINA TIUMA) São Lourenço (Cidade) São Lourenço (Vila Mocambo) — São Lourenço (Fiat-Lux) São Lourenço (Camaragibe).

Curso de Atendente de Enfermagem no Hospital Jesus Pequenino — no Município de Bezerros.

Em Fernando de Noronha, devido à falta de transporte, tivemos que devolver a verba de Cr\$ 150.000,00 destinada a iniciar, com o

peçoal de arquitetura, restauração do Forte dos Remédios. Chegamos a fazer todo o levantamento arquitetônico, com plantas do Forte, etc., que infelizmente não pôde ser concluído.

Só em setembro foi que o Exmo. Sr. Governador, daquele Território, pelo ofício 82 G00/ST, respondendo nosso ofício 3296, de 12 de agosto, informou que a partir do dia 21 de setembro, iríamos iniciar nossa programação. Enviamos de setembro até dezembro 5 turmas, perfazendo um total de 29 estagiários.

Fizemos, além do atendimento médico e odontológico, aplicação de flúor etc. Realizamos um estudo da adaptação do coleoptero coccinellidae, que foi enviado à ilha, para um combate biológico à mosca branca.

Esse estudo foi feito através de Profs. e alunos, sendo o material enviado ao dr. Geral Arruda, técnico do Instituto de Pesquisas Agronômicas (IPA), que constatou nas folhas colhidas dos cajueiros, larvas das mesmas, comprovando, assim, a ótima adaptação daquele inseto naquela região.

Esses coleopteros foram levados à ilha pelos estagiários, em tubos de ensaio, no ano de 1973, para dar combate à mosca branca, que está atacando os cajueiros da ilha de Fernando de Noronha. Procura assim, esse Departamento, corrigir deficits de vitaminas encontrados naquele Território, quando de pesquisas de nutrição, em estágios anteriores.

Levantamos com agrônomos especializados, um estudo do solo, tentando o cultivo de árvores frutíferas e hortícolas, para abastecimento dos ilhéus.

Profa. faz pesquisa para defesa de tese em S. P.

A professora Derleide Araújo Ribeiro Pessoa, que realiza atualmente curso de Mestrado no Instituto de Geociências da Universidade de São Paulo, está desenvolvendo a tese "Evolução Geocronológica da Região do Alto Rio Piranhas, no Rio Grande do Norte", sob a orientação do professor Umberto G. Cordoni, Chefe do Centro de Pesquisas Geocronológicas daquela instituição. Ela recebe apoio financeiro da CAPES, como bolsista.

Aplica no seu trabalho os métodos radiométricos K/Ar em mineral (biotita e anfibólio) e Rb/Sr em rocha total, cujos resultados são muito significativos na interpretação dos eventos geológicos ocorridos na região.

A professora Derleide Araújo Ribeiro Pessoa utiliza a seguinte esquematização: 1) Preparação das amostras e separação dos minerais; 2) Análises geocronológicas: técnicas especiais: a) Análise de Rubídio, Estrôncio e Potássio, por fluorescência de raio X; b) Ataque químico das amostras; c) Extrações de argônio; d) Análises de Rubídio, Estrôncio e Argônio, por diluição isotópica; e) Interpretação



Profª Derleide Araújo

geológica das idades radiométricas.

Quem é

A professora Derleide Araújo Ribeiro Pessoa é formada em História Natural, pela Universidade Católica de Pernambuco, em 1969. Foi bolsista da COCEPUF, do Conselho Nacional de Pesquisas e da Universidade Católica de Pernambuco, no período de 1967 a 1969, tendo colaborado na

organização do museu de minerais e rochas da U.C.P. e do Instituto de Geologia.

Como bolsista do Conselho Nacional de Pesquisas desenvolveu trabalhos sobre "Calcários Metamórficos da Meia Quadrícula de Taquaritinga do Norte, Pernambuco", sob a orientação do geólogo Eldemar de A. Menor.

Congresso

Como resultado da pesquisa que atualmente está desenvolvendo na Universidade de São Paulo, apresentou em coautoria com os professores Brito Neves (Instituto de Geologia /Universidade Federal de Pernambuco), Umberto Cordoni (CPG/Instituto de Geologia da Universidade de São Paulo) e Vандoros (CPG/USP), no XXVIII Congresso Brasileiro de Geologia, realizado em Porto Alegre, Rio Grande do Sul, em novembro de 1974, o trabalho intitulado "Reavaliação dos Dados Geocronológicos do Precambriano do Nordeste Brasileiro".

A professora Derleide deverá concluir o seu curso de mestrado na Universidade de São Paulo, este ano.

A Compensação no Direito Tributário Brasileiro

IRAN GAMA

Sempre rogou o contribuinte brasileiro por soluções mais amplas ao problema do crédito vencido ou vincendo contra a Fazenda Pública.

O Código Civil Brasileiro opunha uma pressão ao problema: Artigo 1017 — "As Dívidas Fiscais da União, do Estado e dos Municípios também não podem ser objeto de compensação, exceto nos casos de encontro entre a administração e o devedor autorizado nas leis e regulamentos da Fazenda".

Em 1964, com a edição da lei especial n.º 4320, aos 17 de março, o universo contribuinte recebia mais uma frustração: o seu artigo 54 prescrevia que "não será admitida a compensação da obrigação de recolher rendas ou receitas com direito creditório contra a Fazenda Pública". Especificava-se o entrave. Isto porque a expressão pluralizada "receitas" estava perfeitamente caracterizada no capítulo II da lei, particularizando o artigo 9.º: "Tributo é a receita derivada..." A receita tributária compreendia os impostos, as taxas e a contribuição de melhoria, nos termos do anexo n.º 3 à lei, compreensão mais tarde corroborada pela hermenêutica do artigo 1.º da Emenda Constitucional n.º 18 e pela lei n.º 5172, de 25.10.66, artigos 3.º (definição) e 5.º (descrição).

História Aliomar Baleeiro: "... No Direito anterior, alguns Estados, excepcionalmente, admitiam que coupons de juros de apólices em atraso pudessem ser recebidos em pagamento de impostos. Em época recuada, a Bahia recebia apólices de transmissão CAUSA MORTIS... E a União compensou imposto de renda com os comprovantes desse tributo quando restituível" (1).

Com o advento da lei n.º 5172/66, implantando a reforma tributária e excluindo a

cobrança do imposto à cascade, surgiram novas perspectivas.

Isto pelo texto dispositivo do seu artigo 170: "A lei pode, nas condições e sob as garantias que estipular, ou cuja estipulação em cada caso atribuir à autoridade administrativa, autorizar a compensação de créditos tributários com créditos líquidos e certos, vencidos ou vincendos, do sujeito passivo contra a Fazenda Pública". Frente aos textos supra citados, representou um progresso, uma abertura democrática, conquanto limitada por si mesma.

O Direito Tributário acolheu um instituto do Direito Privado, porém, antoninamente, estabelecendo um discricionarismo da Fazenda Pública. No Direito Privado, a compensação é modalidade de pagamento compulsória; no Direito Tributário, o sujeito passivo dela dispõe como forma de extinção do crédito tributário do sujeito ativo nas condições e sob as garantias que a lei estipular. Passou a ser um direito subjetivo condicionado às conveniências da autoridade investida do poder discricionário.

Mais se confirma a tese pelo fato de, até hoje, salvo omissão de informática, não se dispor da lei autorizante.

Diante do grave problema que o universo contribuinte enfrenta, da manutenção de um capital de giro próprio, seria de bom alvitre que viesse a lei — em comando federal, maior — regulando não somente a compensação, como igualmente a transação. Seria mais uma forma do Governo Federal ampliar as possibilidades de formação do capital da giro das empresas.

Um ponto a mais na expansão do mercado nacional.

(1) — BALEEIRO, Aliomar — Direito Tributário Brasileiro, Forense, 1970, pag. 508.

Arte & Tempo

ANGELO MONTEIRO

Frei Luiz de Leão não pode fugir ao destino do poeta de imagens. E um poeta de imagens é fatalmente um poeta de fugas. Para fugir o poeta precisa extrair imagens das analogias por ele descobertas entre o mundo de dentro e o de fora, mas é o mundo de fora que prevalece no poeta imaginativo, e de onde ele há de tirar a sua substância poética. Consegue Frei Luiz de Leão, sob esse aspecto, insuperáveis cenas descritivas da natureza, que se nos assemelham a verdadeiras fortalezas sonoras, mas onde, por outro lado, se pode rastrear a sua insatisfação de homem naturalmente descontente com o descritivo (que só lhe pode fornecer as imagens das coisas e nunca a sua substância) e que, levado por força de suas próprias preocupações místicas, mistura a descrição objetiva com os anseios de uma subjetividade que não se detém diante das fronteiras de um real mesmo imaginado. Insatisfação que pode assumir o caráter dessa inquietação que vemos emergir dos poemas dos outros dois místicos espanhóis, e de que algumas estrofes de "Lira en Loo de Dios Nuestro Señor" nos darão uma idéia aproximada:

'Oh aires sosegados,
Ya libres de las voces y ruidos
Al cielo encaminados,
Del corazón salidos,
Llevad con vuestras ondas mis gemidos!

Lleguen a la presencia
Del uno entre millares escogido
Lamentando su ausencia:
En tierra del olvido
Queda mi corazón de amor herido.

Y mi alma afligida,
En duro cautiverio mal tan fuerte,
Tendrá toda su vida
Por venturosa suerte
Vivir en esperanza de allá verte".

Quando essa insatisfação não está presente no poeta ele apela, no seu vazio, para referências mitológicas, puramente decorativas, mesmo em poemas como "Noche Serena", que nos falam em "el sanguinoso Marte airado", em "el Jupiter benino", em "Saturno, padre de los Siglos de oro". Em outro poema, o dedicado a Dom Francisco de Salinas, chama-o de "Gloria del apolíneo sacro coro". Em "Al Apartamiento", há versos como: "Ofrecen al avaro/ Neptuno su dinero". Apesar de belas e apropriadas, tais referências mitológicas nos soam como interferência exterior das preocupações eruditas e refinadas do século de ouro espanhol sobre o silencioso trabalho do nosso poeta contemplativo.

"Vida Retirada" é um poema em que se harmonizam os campos e os céus para nos dar essa idéia de retiro tão eloquentemente buscado por Frei Luiz de Leão. Os céus querem nesse poema ser apenas ares, e os campos são de repouso e de sombra, entre os quais o poeta quer se ver estendido, trazendo nos ouvidos harmonias inefáveis, dificilmente encontradas por aqueles que, na luta pela vida, ou na perseguição das vaidades mundanas, não conseguiram escapar do movimentado e terrível cotidiano:

"Y mientras miserable-
Mente se están los otros abrasados
En sed insaciable
Del no durable mundo,
Tendido yo a la sombra esté cantando;

A la sombra tendido,
De hiedra y lauro eterno coronado,
Puesto el atento oído
Al son dulce, acordado,
Del plectro sablamente meneado".

JORNAL UNIVERSITÁRIO

N.º 5 Recife — Janeiro — 1975 Ano VII

Uma "Sociologia" Artística

SEBASTIÃO VILA NOVA

(Excerto do ensaio "A Realidade Social da Ficção: uma Sociologia Paralela" — Prêmio Recife de Humanidades, versão 1974 — a ser publicado pelo Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais).

O exercício do que Wright Mills chama de "imaginação sociológica" é indispensável à investigação dos fenômenos sociais, suas causas, suas articulações. Mas a "imaginação sociológica" não é prerrogativa exclusiva do sociólogo. E não se pode sequer afirmar que este a possua em mais alto grau e a exerça de modo mais sistemático que outros especialistas. Jornalistas e detetives, entre outros profissionais, são muitas vezes excepcionalmente bem dotados de "imaginação sociológica", como já observou Gilberto Freyre. Com o advento da Revolução Industrial, essa qualidade intelectual ganhou formidável impulso. A sociologia, nascida ou batizada precisamente no contexto social da euforia da industrialização e urbanização da Europa da primeira metade do século dezoito, não é mais que uma tentativa de sistematização do exercício da "imaginação sociológica". E note-se que, no caso dessa sociologia oitocentista, é a "imaginação física", ou "física", em razão do grau de desenvolvimento e prestígio das ciências da natureza daquela época, que, na realidade, domina a "imaginação sociológica". É sobretudo entre romancistas, contistas, ficcionistas em geral, que se vai encontrar o exercício da "imaginação sociológica". E a Europa do século passado é plena de ficcionistas "sociólogos", de dissecadores das relações entre homens e grupos sociais: um Dickens, um Zola, um Balzac, um Hardy, um Gogol, um Dostolevsky.

A noção durkheimiana de "fato social", que no essencial pouco difere da noção weberiana de "ação social", não é propriamente uma criação de Durkheim. Durkheim não foi mais que o seu sistematizador. Ela pairava, por assim dizer, na atmosfera da Europa do século dezoito. Já era largamente difundida no pensamento daquele século, muito particularmente no chamado romance social. Na realidade essa idéia pode ser rastreada, ao menos, até o Rousseau d' "O Contrato Social". É de se notar que a sua emergência resulta da secularização galopante na Europa, a partir da Revolução Industrial. O deslocamento da atenção de uma ordem normativa sobrenatural — a mesma ordem que justificava o absolutismo — para uma ordem normativa secular, histórica, mutável, forjada e transformável pelos homens, despertou no homem europeu da época uma agudo sentido dos condicionamentos, das restrições, das coerções impostas ao indivíduo pela sociedade e das injustiças decorrentes dessa ordem social, a ordem social humana, em contraposição à ordem social divina. Daí nasceram o romance social, a sociologia, a noção de "fato social", como tudo aquilo que imposto pela coletividade à mente do indivíduo, independe da sua vontade. Existe, acaso, noção mais cara ao romance social da época? Não é essa, afinal, a base do sociologismo, alçado à religião

que no século dezoito sucede ao fatalismo inevitável da crença e submissão irrestrita a uma ordem normativa sobre-humana e imutável dominantes na Europa pré-iluminista? No século dezoito, a Europa, deslumbrada e esperançosa, descobriu a Cidade dos Homens. E de que é feito o drama de todos os injustiçados do romance social oitocentista, senão da inevitável dependência do indivíduo em relação às forças normativas coletivamente cristalizadas e cujo poder de coerção não pode ser, senão a duras penas, contido? A ordem normativa do humano — e é essa a grande descoberta do pensamento social da Europa laicizada do século passado — é tão ou mais terrivelmente poderosa do que a ordem normativa sobrenatural, sobre-humana. Não é esse o drama do Judas de Hardy? Não é esse o mesmo drama de todos os heróis do romance social oitocentista?

É no romance, no conto, na novela, na peça teatral, na obra de ficção em geral que, mais do que na filosofia, se encontra o registro das mais profundas e pertinentes reflexões sobre o homem na sociedade. Mais do que o filósofo social, o ficcionista é o "sociólogo" pré-científico, o estudioso das relações entre os homens, o analista e intérprete dos fatos e problemas sociais. A ficção forma, por assim dizer, toda uma "teoria sociológica" paralela à sociologia acadêmica atual e precursora desta. Uma "sociologia" paralela à sociologia oficial, à sociologia dos sociólogos, dos professores e compêndios de sociologia. "Sociologia" assistemática, porém, muitas vezes, mais plástica, mais flexível, mais adequada à infinita riqueza, complexidade e dinâmica da vida social, porque livre dos dogmas e esquemas consagrados da metodologia dos manuais de pesquisa e dos "catecismos" de "ciência estática". E não é de surpreender que essa "sociologia" da ficção, esse conhecimento artístico do homem e da sua sociedade seja, com frequência, mais rico de "imaginação sociológica" que a circumspecta sociologia dos sociólogos. Como entender a sociedade brasileira do século passado, sem o estudo atento das "Memórias de um Sargento de Milícias"? Como compreender o ethos, o caráter da aristocracia decadente na França imediatamente anterior à Revolução, sem a leitura de um Molière? Como entender as atitudes, os valores, as aspirações da burguesia ascendente na França da mesma época, sem o conhecimento d' "O Burguês Fidalgo"? Como entender a Rússia de Tolstói sem o "Guerra e Paz"? Como entender as transformações da sociedade carioca na passagem da Monarquia para a República, sem a "sociologia" do "Quincas Borba", do "Dom Casmurro", do "Memórias Póstumas de Brás Cubas"? Como entender as transformações sociais na zona da mata do Nordeste brasileiro com o advento da usina, sem a "ciência social" de José Lins do Rego? Como entender o ethos do sertanejo nordestino, sem a leitura de Ariano Suassuna? Como entender a subcultura jovem de Copacabana, sem o conhecimento do "El Justiciero" de João Bettencourt? Como entender a sociedade sem recorrer à "sociologia" paralela do romance, da novela, do conto, do teatro, do cinema?

Augusto

ALBERTO FREDERICO LINS CALDAS

"Por esta razão, decidi-me relatar com humildade o fim de Augusto, depois o reinado de Tibério e de seus sucessores, sem ódio e sem amor... sine ira et studio".

TACITO

"Anais", I, 1.

Assim foi aquele homem extraordinário, que parece tão fácil de descrever mas que, não obstante, se torna difícil. O mistério está no seu aperfeiçoamento".

T. H. MOMMSEN
"História Romana".

A Sombra de Antônio

INTRODUÇÃO
Retrato Breve

QUANDO AINDA ERA OTÁVIO

De Augusto, disse Suetônio que "era de uma beleza notável, cujo encanto extraordinário em todas as fases de sua vida" (v. "AS VIDAS DOS DOZE CÉSARES", 3ª ed., traduz., 1950, pág. 118). Tudo os deuses lhe proporcionaram, propiciaram e levaram a termo. Majestade natural, senso de justiça, honradez e coragem. Descendia da família Otávia, uma das mais nobres entre as gens volscas, no Lácio. Chamava-se Caio Júlio César Otávio. Filho do senador Caio Otávio, era sobrinho de César em segundo grau. Nasceu em Roma no ano 63 a.C.. Aos quinze anos, recebeu de César a laticlavia, insignia da dignidade senatorial, partindo para a Espanha como ditador. Para preparar uma expedição contra os partas, enviaram-no a Apolônia, onde, no meio das legiões, aprenderia a serenidade, a disciplina e a estratégia.

Foi lá que teve conhecimento da morte do seu benfeitor, correndo imediatamente a

Roma. Entre todas as incertezas e desconfiâncias, medos e temores, podiam destacar-se dois partidos defronte um do outro: o de Antônio — que se propunha suceder César, secundado por Lépido e apoiado por uma grande parte do exército e do povo, e dos conjurados — que tinha por si o senado. Otávio era, então, um elegante rapaz de dezoito anos, magro pálido, de coragem militar medíocre mas proclamado por César seu herdeiro, no testamento que deixara, e só isto valeria como uma consagração definitiva.

Acolhido triunfalmente em Brindisi pelos veteranos, apresentou-se modestamente em Roma. Mas, com tenacidade calculada e raro entendimento político, marchava direito ao seu fim, que ninguém, àquela altura, julgaria tão imenso. Desde logo, e a despeito de todas as más vontades, fez-se o executor testamentário de César, distribuiu os legados, e firmou assim a sua popularidade. Antônio era o rival mais poderoso. Hostilizou-o surdamente, e o impetuoso ge-

neral teve que sair de Roma. Ao mesmo tempo, sagazmente precoce, prestava homenagem ao senado e lisonjeava Cícero, a quem chamava de pai. Este, melo por simpatia e melo por cálculo, julgou que se podia, sem perigo, usar daquela criança contra Antônio, o mais perigoso, violento e temível dos herdeiros cesáreos, e que tinha partido, em virtude de um plebiscito, para tirar de Décimo Bruto, um dos assassinos de César, a província Cisalpina, que ele administrava por disposição testamentária de sua vítima.

Otávio cercou-o em Modena no ano 43, e recebeu o título de pretor. Em apenas algumas semanas tinha conseguido fazer Antônio partir para a Gália, mas, se se fizera instrumento do senado, não tinha sido em favor dos assassinos de César, mas para abater Antônio. Este, vencido, reconciliou-se com ele, regressou a Roma, e, forte com o apoio das legiões, exigiu que lhe fosse dado o consulado e começou o processo dos traidores inimigos de César, daqueles que o haviam abatido, medrosos do tirano imbatível. No entanto, Bruto morreu assassinado. Antônio executara-o indiretamente. O antigo lugar-tenente de César tinha reorganizado um exército. Igualmente em força, Antônio e Otávio entraram num acordo, e formaram com Lépido um segundo triunvirato, sendo-lhes ratificado o poder por uma consulta plebiscitária. A política de clemência cesariana não tinha dado bons frutos, e por isso ambos prepararam listas de proscrição, sob as quais tomaram trezentos senadores e dois mil cidadãos. Neste número, contava-se um irmão do próprio Lépido, um tio de Antônio e o clássico Cícero, tutor intelectual de Otávio.

Era a justiça implacável dos vencedores. O "vae victis" dos vencidos. Porém, os republicanos, sob o patrocínio de Júnio Bruto e de Cássio, tinham ainda em seu poder a Grécia e o Oriente. Otávio e Antônio partiram para a Macedônia, onde travaram em 42, duas célebres batalhas perto de Filipes. Cássio matou-se depois da primeira, e Bruto depois da segunda. Triun-

fantes, os dois generais foram cruéis, mas recompensaram magnificamente as suas tropas.

Permanecendo no Oriente, Antônio deixou-se seduzir por Cleopatra, que, anteriormente, aquecera a cama de César. Na Itália, Otávio viu-se em dificuldades com os veteranos, aos quais tinha prometido terras, e os proprietários a quem as tirava. Os amigos de Antônio, na sombra, exploravam o descontentamento existente. Um irmão do ausente, cônsul em 41, foi expulso de Roma por Otávio. Agripa fê-lo cercar em Perusa e assinar uma capitulação seguida de matanças. Revoltado, Antônio saltou dos braços mornos e frenéticos de Cleopatra e desembarcou em Brindisi. Mas contra os senhores sensatos interpueram-se entre os dois rivais e reconciliaram dois homens fadados a destruírem-se, e Antônio casou com Otávia, uma linda mulher, irmã de Otávio. Apaziguados, os triúvirs voltaram-se contra Sexto Pompeu, que dominava na Espanha e no mar, e, a despeito de toda a energia e coragem empregadas por Agripa, derrotaram-no depois de quatro anos, vindo a tomar em 35. Nesse meio tempo, as infelizes intrigas de Lépido deram em resultado o ser demitido das próprias funções, ficando Antônio e Otávio sós em campo, senhores do mundo.

O primeiro, gozando e fazendo gozar, em noites inesquecíveis de amor ardente, a sensual rainha egípcia, comprometeu no Oriente até a honra e a segurança de Roma. Os precários cinco anos do triunvirato tinham terminado. Os poderes de Antônio não foram renovados, e, para dar à guerra que Otávio lhe ia fazer, em nome do senado, uma aparência nacional, foi ela declarada ao Egito. A defeção da rainha na batalha de Atium, produziu o desastre de Antônio, o qual, vendo-se perdido e para não desmoralizar-se, suicidou-se. Morreu como um romano de honra. A amante, depois de ter tentado seduzir o vencedor, matou-se também. Em 30, pois, Otávio era senhor do mundo. Tinha 33 anos.